



REFERENCIAL DE FORMAÇÃO
PEDAGÓGICA CONTÍNUA
DE FORMADORES/AS

FORMAÇÃO DE FORMADORES

DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS
UTILIZADOR ELEMENTAR (A2)

DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL
CENTRO NACIONAL DE QUALIFICAÇÃO DE FORMADORES



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

www.iefp.pt

FORMAÇÃO DE FORMADORES DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS UTILIZADOR ELEMENTAR (A2)

Editor

Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P.

Colecção

Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores

Autores

Maria da Luz Rodrigues Correia

Maria José dos Reis Grosso

Custódia Maria Casanova

Título

*Formação de Formadores de Português para Falantes de Outras Línguas
- Utilizador Elementar (A2)*

Direcção Técnica

Departamento de Formação Profissional

Centro Nacional de Qualificação de Formadores

Direcção Editorial

Gabinete de Comunicação / Núcleo de Imagem e Marketing

Revisão

Laurinda Brandão

Design

Proteína Design

Tipografia

Hermes

Conduit ITC

Número de exemplares

1.000

ISBN

978-989-638-027-4

Data de Edição

Julho . 2011





MISSÃO E COMPETÊNCIAS DO CNQF

O Centro Nacional de Qualificação de Formadores (CNQF) é uma unidade orgânica integrada no Departamento de Formação Profissional, de acordo com a Portaria n.º 637/2007, de 30 de Maio.

O CNQF tem por missão contribuir para a elevação da qualidade da formação profissional através da formação pedagógica dos principais agentes da formação, procurando introduzir factores de inovação nas estratégias e metodologias de intervenção dos formadores que possam conduzir a uma maior adequabilidade aos diversos públicos, natureza de conteúdos/competências e modalidades de formação.

Compete especificamente ao CNQF, nomeadamente:

- ▶ Contribuir para a definição de uma estratégia nacional de formação de formadores e outros profissionais, em parceria com outras entidades responsáveis pela formação de formadores e de professores.
- ▶ Conceber, produzir e disseminar referenciais de formação inicial e contínua de formadores e de outros profissionais que intervêm no sistema de educação e formação.
- ▶ Promover a realização de um plano anual de formação de formadores, com incidência em temáticas, metodologias, linguagens e recursos considerados inovadores e suportados na utilização das tecnologias da informação e da comunicação.
- ▶ Contribuir para a dinamização da concepção, produção e disseminação de recursos pedagógicos e didáticos, incluindo os utilizados na formação a distância, em diversos suportes, nomeadamente audiovisuais e multimédia.

Neste quadro, são concebidos, elaborados e experimentados os referenciais de formação dirigidos a formadores e a outros técnicos, os quais, após validação e constituição de uma bolsa de formadores devidamente preparados, são integrados na oferta formativa da rede de Centros de Formação Profissional do IEFP e disponibilizados às entidades formadoras que os solicitem.



APRESENTAÇÃO

REFERENCIAIS DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA CONTÍNUA DE FORMADORES

A formação contínua de formadores visa promover a actualização, o aperfeiçoamento e a aquisição de novas competências pedagógicas, transferíveis para a sua prática como formadores, ao nível da animação da formação e, também, no sentido alargado da sua função, na concepção e elaboração de programas de formação e de materiais pedagógicos, na gestão e coordenação de formação no campo da investigação e da experimentação de novas abordagens e metodologias aplicadas a públicos e contextos diversificados e em várias modalidades de formação.

O Centro Nacional de Qualificação de Formadores, no cumprimento das competências que lhe são cometidas, nomeadamente de concepção, produção, experimentação e disseminação de referenciais de formação, pretende e tem vindo a desenvolver uma estrutura modular de formação pedagógica contínua de formadores em torno de quatro grandes domínios:

- ▶ Sistemas de Educação, Formação e Certificação.
- ▶ Gestão da Formação.
- ▶ Tecnologias de Formação.
- ▶ Metodologias de Formação.

Esta estrutura integra diversos módulos/cursos autónomos, possibilitando assim que cada formador possa construir o percurso de formação contínua que melhor corresponda às suas necessidades específicas de formação. Os referenciais, depois de produzidos, são devidamente validados no âmbito do CNQF, através de uma acção-piloto de experimentação que envolve formadores da rede de Centros de Formação Profissional do IEFP, após o que passam a integrar a oferta formativa dos mesmos.

Características Gerais dos Referenciais de Formação

Os referenciais de formação pedagógica contínua de formadores dizem respeito a temas relevantes da formação e correspondem a conjuntos de competências específicas em função das quais se desenvolve o respectivo programa, metodologia pedagógica, planificação e avaliação. Os cursos respeitantes aos referidos referenciais têm uma duração tendencial de 30 horas, podendo ser desenvolvidos em formação presencial ou em modelo misto (*blended learning*) com componente a distância. No sentido de introduzir novas perspectivas teórico-práticas e fazer uso das recentes investigações no domínio da formação, o CNQF tem procurado a colaboração de especialistas de reconhecida competência científica e técnica, do próprio IEFP, de universidades e de outros organismos congéneres.

Metodologia de Desenvolvimento da Formação Respeitante aos Referenciais

Tratando-se de um público-alvo com formação pedagógica inicial e experiência profissional como formador, a metodologia pedagógica que se preconiza para o desenvolvimento da formação deve ser centrada na pessoa, nos conhecimentos que já detém e nas expectativas que coloca na formação. O apelo à participação activa e ao trabalho colaborativo entre participantes deve nortear a intervenção dos formadores de formadores. A reflexão sobre as respectivas práticas e a partilha das mesmas entre todos deve consciencializar os participantes para a necessidade de construção e dinamização de comunidades de práticas, de redes de formadores que partilham conhecimentos, modos de fazer e se entreeajudam na procura de melhores soluções formativas. Cada referencial contém orientações metodológicas específicas para desenvolvimento da formação, bem como propostas de dispositivos concretos de animação.

Avaliação das Aprendizagens no Âmbito dos Referenciais de Formação

A avaliação preconizada para aferir o grau de domínio das competências visadas pela formação, por parte dos participantes, no âmbito dos referenciais de formação pedagógica contínua de formadores, assenta na participação activa dos formandos, apelando à sua capacidade de reflexão e partilha, de auto e hetero-avaliação e co-responsabilizando-os pela monitorização dos seus progressos. Ao formador compete orientar os formandos, apoiando-os no seu processo formativo. No final da formação o formador anotarà, numa ficha de avaliação final, a sua opinião sobre cada participante no que respeita ao comportamento observado ao longo da formação e ao grau de domínio das competências visadas pela formação, mobilizadas para a realização de trabalhos de aplicação [actividades pedagógicas diversas realizadas, por cada participante, ao longo da formação]. Cada referencial de formação produzido pelo CNQF integra uma proposta de dispositivo de avaliação das aprendizagens e a respectiva Ficha de Avaliação Final.

Classificação dos Resultados Obtidos pelos Participantes a partir da Avaliação das Aprendizagens

Embora a avaliação preconizada, no âmbito da formação contínua, tenha um carácter eminentemente formativo, havendo necessidade de apurar um resultado da avaliação realizada em relação a cada participante, sugere-se a adopção das seguintes escalas:

Escalas de Avaliação das Aprendizagens

Qualitativa*		Aproveitamento Insuficiente	Aproveitamento Satisfatório	Aproveitamento Bom	Aproveitamento Relevante	Aproveitamento Excelente
Quantitativa	Númerica - Níveis 1 a 5	1	2	3	4	5
	Literal - Níveis A a E	E	D	C	B	A
	Númerica - 0 a 20 Valores	0 - 9	10 - 13	14 - 16	17 - 18	19 - 20
	Percentual - 0 a 100%	0% a 49%	50% a 69%	70% a 84%	85% a 94%	95% a 100%
* Designação que deve constar nos certificados						

Descrição global dos critérios de avaliação

Escala Qualitativa	Centrado nas Competências	Centrado nos Objectivos
Aproveitamento Insuficiente	Não adquiriu as competências-chave previstas no referencial de formação. Necessita de um reforço de formação ou de melhoria ao nível dos comportamentos e atitudes.	Não atingiu 50% dos objectivos operacionais visados pelo referencial de formação. Necessita de um reforço de formação ou de melhoria ao nível dos comportamentos e atitudes.
Avaliação qualitativa dos profissionais aptos para o exercício autónomo e qualificado das funções de formador:		
Aproveitamento Satisfatório	Adquiriu as competências-chave previstas no referencial de formação e demonstrou aptidões satisfatórias para o exercício da actividade de formador.	Atingiu pelo menos 50% dos objectivos operacionais visados pelo referencial de formação e demonstrou aptidões satisfatórias para o exercício da actividade de formador.
Aproveitamento Bom	Adquiriu todas as competências previstas no referencial de formação e demonstrou boas aptidões de comunicação e de trabalho em equipa, capacidade de análise e autonomia na resolução de problemas.	Atingiu todos os objectivos operacionais visados pelo referencial de formação e demonstrou boas aptidões de comunicação e de trabalho em equipa, capacidade de análise e autonomia na resolução de problemas.
Aproveitamento Relevante	Adquiriu todas as competências previstas no referencial de formação e demonstrou relevantes aptidões de comunicação e de trabalho em equipa, elevado empenho , capacidade de análise, autonomia e criatividade na resolução de problemas.	Atingiu todos os objectivos operacionais visados pelo referencial de formação e demonstrou relevantes aptidões de comunicação e de trabalho em equipa, elevado empenho , capacidade de análise, autonomia e criatividade na resolução de problemas.
Aproveitamento Excelente	Superou as competências previstas no referencial de formação e demonstrou excepcionais aptidões de comunicação e de trabalho em equipa, elevado empenho, capacidade de análise, autonomia e criatividade na resolução de problemas, utilizando de forma consistente diferentes suportes, canais, fontes e redes de conhecimento, bem como espírito empreendedor .	Superou os objectivos operacionais visados pelo referencial de formação e demonstrou excepcionais aptidões de comunicação e de trabalho em equipa, elevado empenho, capacidade de análise, autonomia e criatividade na resolução de problemas, utilizando de forma consistente diferentes suportes, canais, fontes e redes de conhecimento, bem como espírito empreendedor .

Com base nestas escalas, ou directamente na escala qualitativa, o formador vai reflectir, relativamente às competências definidas na Ficha de Avaliação Final constante em cada referencial, a sua opinião quanto ao domínio das mesmas, por cada participante, acabando por expressar, através da atribuição de uma nota, quantitativa e/ou qualitativa, a sua avaliação quanto ao desempenho global do formando na formação.

A avaliação detalhada dos diferentes factores de desempenho deve ter em atenção os critérios de enquadramento acima descritos.

Certificação da Formação

Aos participantes cuja avaliação permita concluir que atingiram os objectivos visados pela formação será emitido um Certificado de Formação Profissional onde constará o respectivo resultado, expresso em menção qualitativa.

Formadores de Formadores

Os formadores de formadores, no âmbito da formação pedagógica contínua de formadores, devem possuir sólidos conhecimentos da temática que se propõem desenvolver e o domínio de metodologias activas, centradas no adulto em formação, promovendo a vivenciação e a apropriação de novas formas de fazer formação, mais consistentes do ponto de vista teórico, mais eficazes do ponto de vista prático e, também, mais securizantes e gratificantes para os vários intervenientes no processo formativo.

O CNQF tem desenvolvido a formação de formadores de formadores, nomeadamente no âmbito da experimentação e validação dos referenciais de formação que produz, e promoverá outras tantas acções quantas as necessárias para corresponder a solicitações que a rede de Centros de Formação Profissional do IEFP ou outras entidades formadoras lhe possam dirigir.

Colaboração entre o CNQF, Outras Unidades Orgânicas do IEFP, I.P. e Entidades Externas

Para a concretização da criação, produção e disseminação dos referenciais de formação pedagógica contínua de formadores, que se pretende correspondam a necessidades reais de formação dos formadores e possam servir para uma real melhoria das competências destes profissionais, o CNQF considera indispensável a articulação profícua com outros serviços centrais e com os serviços regionais e locais, designadamente os Centros de Formação Profissional e outras entidades.

Divulgação dos Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores

Os referenciais produzidos no âmbito do CNQF têm por finalidade permitir a criação de cursos de formação, na modalidade de formação pedagógica contínua de formadores, que integrem a oferta formativa da rede de Centros de Formação Profissional do IEFP e de outros operadores nacionais de formação que os podem adoptar livremente. Para tal, são disponibilizados em suporte digital e estão acessíveis no *site* do IEFP, www.iefp.pt.

GUIA DE DESENVOLVIMENTO

ÍNDICE

1. ENQUADRAMENTO	8
2. FINALIDADES	10
3. OBJECTIVOS GERAIS/COMPETÊNCIAS VISADAS	10
4. ESTRUTURA, OBJECTIVOS ESPECÍFICOS E CONTEÚDOS	12
5. METODOLOGIAS DE DESENVOLVIMENTO	13
6. PLANIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO	15
7. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS	26
8. BIBLIOGRAFIA E ENDEREÇOS ELECTRÓNICOS	28
ROTEIROS DE TRABALHO	33
FICHAS DE ACTIVIDADE	43
DOCUMENTOS DE APOIO	53

1 ENQUADRAMENTO

Portugal, à semelhança dos outros países europeus, tem vindo a assumir compromissos no âmbito das orientações do Conselho da Europa sobre a gestão da diversidade linguística e cultural, norteadas pelos valores do aperfeiçoamento da vivência democrática, da promoção da inclusão social, do plurilinguismo e do pluriculturalismo.

No contexto das políticas de língua e políticas sociais, de educação e das migrações em Portugal, ressalte-se a legislação produzida e as várias medidas conducentes à concretização, à escala nacional, das referidas políticas europeias.

Neste âmbito, o Instituto de Emprego e Formação Profissional. I.P (IEFP) tem desenvolvido acções de formação de formadores e cursos para aprendizagem de *português básico para estrangeiros*, ao abrigo do Programa Portugal Acolhe. As orientações pedagógicas do referencial utilizado – *Português 2.ª Língua. Módulos I, II e III* (ANEFA: 2001) – fundamentam-se no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*, do Conselho da Europa, e na versão portuguesa do *Portefólio Europeu de Línguas*¹.

As mudanças socioeconómicas, políticas e jurídicas que se têm processado ao longo do tempo regulam a vinda de novos públicos e relançam novos desafios à formação de formadores no país de acolhimento, no sentido de os envolver também num processo de aprendizagem colectiva, num percurso dialogante constante entre formadores e formandos. Sobressai a importância do formador na construção da mudança, entendida como um processo não linear, sujeito a múltiplos factores, com implicações estruturais e pedagógicas profundas.

Naturalmente, a língua portuguesa é um factor de inclusão na comunidade em Portugal, como país de acolhimento, estando as dificuldades ligadas ao desenvolvimento das competências em língua muitas vezes também relacionadas com problemas socioeconómicos e o desconhecimento mútuo das culturas dos participantes na interacção.

O sentido pessoal da aprendizagem de português para falantes de outras línguas está associado à manutenção de níveis de motivação, esforço, assiduidade, pontualidade e, naturalmente, à rentabilização do investimento institucional. Os formandos que ficam motivados para o aprofundamento da língua portuguesa e das experiências culturais tenderão a investir mais esforço pessoal na sua formação.

Quanto às necessidades prioritárias de formação em didáctica do português para falantes de outras línguas, sobressai a apropriação de um referencial para o ensino da língua portuguesa a falantes de outras línguas, adultos com experiências de aprendizagem muito diversas que vivem em Portugal.

Nas últimas décadas, o modelo epistemológico proposto pelo Conselho da Europa acentua a interacção e a comunicação como função principal da língua. A dimensão linguística não se restringe unicamente aos elementos gramaticais, mas a realizações que dependem de actos de fala com significado funcional e comunicativo, embora o

¹ Fischer *et al.* (2000)

*nível de desenvolvimento dos recursos linguísticos (do aprendente) tenha um papel fundamental na determinação da adequação de uma determinada tarefa*². As necessidades comunicativas do formando (aprendente) em língua portuguesa, em contexto de acolhimento, resultam de situações de vida quotidiana, de interações com os falantes de português em contactos de diferentes esferas sociais e profissionais e das tarefas comunicativas que, como utilizadores de língua portuguesa, têm de realizar. Neste âmbito, os formadores devem estar sensibilizados para uma negociação contínua em função do formando (como ser social, humano e formativo), respondendo a necessidades emergentes e sugerindo diferentes soluções em função dos contextos e do público-alvo.

A experiência de formação de formadores (ensinantes de português para falantes de outras línguas) tem evidenciado a necessidade de aprofundar e sistematizar orientações didáticas, tal como as preconizadas em Fischer *et al.* (2000). Neste contexto, surgiu *O Português para Falantes de Outras Línguas, o Utilizador Elementar no País de Acolhimento* (2008), DGIDC –Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, ANQ – Agência Nacional para a Qualificação e IEFP– Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P. É um documento que tem como destinatários os falantes de outras línguas que vêm em Portugal um país de acolhimento e que têm necessidade de comunicar em português, se bem que de forma *inicial* ou *elementar*, em todos os domínios de comunicação.

Este Referencial de Formação de Formadores procura ser um contributo para a reflexão de quem tem de formar um público heterogéneo, adulto, em contexto não académico, com necessidades específicas de inclusão e de adaptação. Neste âmbito, seguindo o Quadro Europeu Comum de Referência³, foi elaborado *O Português para Falantes de Outras Línguas, o Utilizador Elementar no País de Acolhimento* e foram descritas, para este público, as competências do *utilizador elementar* (A2)⁴. É com base no documento referido e em experiências anteriores que se elabora este Referencial de Formação de Formadores.

O Referencial de Formação de Formadores considera uma modalidade de formação mista. A formação tem uma componente presencial (18 horas), articulada com uma componente de formação a distância (12 horas) que utilizará os recursos e espaços de comunicação escrita assíncrona na comunidade específica do curso alojada na plataforma *Moodle* do IEFP. O recurso a esta plataforma virtual e ao fórum virtual temático, em particular, inscreve-se na perspectiva do uso das TIC como ferramentas que apoiam o processo de pensar com, de intercâmbio de reflexões sobre a prática e de reconstrução de conceitos fundamentados.

² Cf. Conselho da Europa (2001: 223)

³ Conselho da Europa (2001)

⁴ *Conhecimento considerado suficiente para o acesso à prova de nacionalidade*

2 FINALIDADES

Face ao enquadramento referido, o presente Referencial de Formadores visa o desenvolvimento de competências que permitam uma formação adequada, capaz de construir respostas às especificidades dos contextos, às características e motivações do público-formando. O Referencial é um documento aberto que tem em conta opiniões e decisões relacionadas com resultados produtivos de boas práticas de formação em contextos multiculturais.

Finalidades principais

- ▶ Contribuir para a reflexão sobre práticas de ensino de português a falantes não nativos em contexto de diversidade linguística e cultural e no âmbito das exigências da legalização da situação dos imigrantes em Portugal.
- ▶ Caracterizar formas de aplicação das orientações de *O Português para Falantes de Outras Línguas* e do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*.
- ▶ Explicitar formas de operacionalizar abordagens comunicativas e interculturais que incentivam a aprendizagem colaborativa e a autonomia dos aprendentes de português.

3 OBJECTIVOS GERAIS/ COMPETÊNCIAS VISADAS

O principal critério de evidência das competências dos formandos-ensinantes de português para falantes de outras línguas é, no desempenho profissional, a sua actuação flexível, ancorada no diagnóstico das necessidades dos aprendentes de português, na reflexão crítica sobre a prática pedagógica e nos referenciais para o ensino das línguas vivas editados para divulgar e adaptar, em cada país, as orientações do Conselho da Europa.

Este critério geral deve nortear a selecção dos critérios de evidência específicos para as competências de ensino no contexto do processo de formação. No entanto, as condições do processo de formação dos formandos-ensinantes de português limitam naturalmente as possibilidades de manifestação das competências de ensino. Por consequência, são necessários cuidados acrescidos quando se formulam objectivos da formação e critérios de evidência para as competências (profissionais) que se pretende ajudar a desenvolver durante a formação contínua.

Os critérios de evidência das competências de ensino susceptíveis de avaliação no contexto da formação corresponderão a uma parte do conjunto dos critérios de evidência das competências de ensino. Não podem garantir, por si mesmos, a plena evidência das competências quando o formando-ensinante actua no contexto de trabalho. Os critérios de evidência devem ser formulados com base nas orientações gerais e também nas condições institucionais para o processo de formação (tempo disponível, perfil dos formadores de formadores, conteúdos programáticos seleccionados, número de formandos-ensinantes).

No contexto de trabalho, vários factores estranhos à formação podem influenciar, positiva ou negativamente, o desenvolvimento das competências de ensino impulsionado pela formação. Trata-se da influência de factores que o processo formativo não controla como as atitudes, os valores pessoais, as formas de relacionamento no contexto local, as características dos grupos de formandos-aprendentes, a mudança de expectativas, as restrições ou apoios institucionais e recursos disponíveis, entre outros.

Adopta-se, neste referencial, uma concepção geral de competência entendida em contexto. Na perspectiva de Perrenoud (2001) e Roldão (2003), entre outros, o uso do termo «competência» refere-se à capacidade que o indivíduo desenvolveu e lhe permite resolver uma situação/problema num contexto espaço-temporal, mobilizando diversos tipos de saberes (conceptuais, procedimentais, etc.), atitudes e recursos. O indivíduo «competente» identifica a natureza do problema e o seu significado sociocultural no contexto em que o problema ocorre, e usa uma estratégia de resolução que toma em consideração a possível mobilização de outros actores e da co-regulação da intervenção respectiva para encontrar uma solução consensual. Nesta perspectiva contextualizada e dadas as rápidas mudanças impostas pela dinâmica socioeconómica, a formação contínua de formadores de português pode ser uma oportunidade para o balanço de competências, como recomenda Perrenoud (2000) citando Antolfi.

Tendo em consideração as naturais diferenças entre contextos de formação e contextos de trabalho e os seus efeitos no impacto da formação, destacam-se os critérios de evidência que se afiguram relevantes nas condições disponíveis no contexto de formação dos formadores-ensinantes de português.

Dado o exposto, os objectivos gerais da formação de formandos-ensinantes de português serão:

- ▶ Desenvolver saberes científico-pedagógicos necessários ao ensino do *português para falantes de outras línguas* orientados para a promoção da inclusão e do plurilinguismo.
- ▶ Desenvolver competências de ensino intercultural do português em contextos socioprofissionais e culturais diversos.
- ▶ Desenvolver competências de organização estratégica de grupos que favoreçam a aprendizagem colaborativa do português.
- ▶ Gerir a diversidade linguística e cultural dos grupos de formandos (aprendentes não nativos) para proporcionar experiências de aprendizagem significativas a todos.



4 ESTRUTURA, OBJECTIVOS ESPECÍFICOS E CONTEÚDOS

No âmbito dos objectivos gerais da formação, os objectivos específicos ou critérios de evidência para as competências, cujas dimensões podem ser observadas e avaliadas na formação, são, preferencialmente, os seguintes:

1. Justificar, de forma ancorada nas leituras obrigatórias, as opiniões e propostas relacionadas com a planificação do ensino e da aprendizagem de português em contextos de diversidade linguística, cultural e profissional.
2. Explicitar a intencionalidade formativa das propostas de planos de sessões para formandos aprendentes no Nível de Utilizador Elementar.
3. Aplicar as orientações metodológicas a cada proposta de planificação ou a cada comentário crítico sobre planos de sessão.
4. Elaborar propostas exequíveis de adaptação de metodologias, de tarefas, de conteúdos e de materiais a públicos específicos (em situação de simulação ou em situações existentes no contexto de actuação profissional).

Dado que o curso de formação tem a duração de 30 horas e que terão de ser adquiridos conhecimentos conceptuais e procedimentais referentes à didáctica do *português para falantes de outras línguas*, consideram-se seis princípios orientadores:

1. Caracterizar as noções-chave recorrentes na didáctica das línguas e analisar as suas implicações no processo formativo.
2. Diagnosticar e caracterizar as necessidades de aprendizagem de português de um público adulto, não nativo, com base na descrição do funcionamento da língua em situação de comunicação no país de acolhimento.
3. Tomar em conta, na planificação e no ensino, as características do perfil do utilizador elementar através de descritores de níveis de referência.
4. Adequar as metodologias associadas ao ensino-aprendizagem das línguas com base numa reflexão crítica e actualização didáctica permanentes.
5. Apoiar a auto-avaliação e a autonomia dos formandos através da incorporação do PEL – *Portefólio Europeu de Línguas* no conjunto dos instrumentos de avaliação formativa.

5 METODOLOGIAS DE DESENVOLVIMENTO

A orientação metodológica adoptada para a formação visa contribuir para a elevação do nível de consciência crítica dos formandos-ensinantes de português através de uma formação que impulse a reestruturação de conceitos teóricos, das concepções procedimentais e das atitudes. Esta reestruturação é fundamental para o desenvolvimento das competências profissionais e para a qualidade dos resultados das práticas de ensino e formação. A actividade voluntária e a dedicação que muitos formadores desenvolvem podem não bastar para melhorar a qualidade do processo e dos resultados da aprendizagem dos destinatários, aprendentes de português em Portugal como país de acolhimento. A «linguagem» e a «educação», como sublinhou Brumfit (2001), são áreas que partilham duas desvantagens que outras áreas do conhecimento evitam: são demasiado familiares e, por esse motivo, tendem a suscitar a crença de que educar e ensinar a língua requerem procedimentos tidos muitas vezes como «evidentes» e conhecimentos estabelecidos desde há muito [na linha de pensamento de Nóvoa, 2005: «Em educação, tudo são evidências. Definitivas. Crenças. Doutrinas. Dogmas. Ilusões. Palavras gastas. Inúteis. O que é evidente mente. Evidentemente.»]

O presente referencial propõe uma opção metodológica da formação de formandos-ensinantes que procura influenciar uma aprendizagem profunda, na perspectiva teórica vigotskyana, o construtivismo de orientação sociocultural (Coll *et al.* : 2001, 2004, 2007) do ensino e da aprendizagem e dos processos de formação cultural dos indivíduos, em ambientes de formação enriquecidos com modalidades complementares de formação (presencial e a distância).

Linhas orientadoras do desenvolvimento da formação

As orientações metodológicas do QECR vão no sentido de que cada formador (ensinante de línguas) apoie os formandos (falantes de outras línguas) no desenvolvimento das competências necessárias à comunicação⁵ no país de acolhimento. Recomendam igualmente que o ensinante apoie a autonomia dos aprendentes baseada no uso estratégico dos seus conhecimentos linguísticos, culturais e atitudes, em todos os domínios sociais de comunicação. As propostas para este modelo de formação têm presente o facto de se tratar de adultos de outras línguas em contexto não académico.

A acção do formador-ensinante visa ajudar cada formando (aprendente) a integrar a aprendizagem de português e da cultura portuguesa, bem como as experiências anteriores de uso dos conhecimentos linguísticos e não linguísticos, adquiridos noutros países e em Portugal. A finalidade última é que o aprendente desenvolva competências comunicativas necessárias à sua integração no meio laboral e no meio social. Nesta perspectiva, as competências comunicativas incluem competências linguísticas, pragmáticas e sociolinguísticas (a dimensão social do uso da língua que abrange conhecimentos como os das variedades regionais do português, das formas específicas e locais do seu uso, das formas de tratamento adequadas ao estabelecimento e manutenção de relações sociais; conhecimentos sobre linguagens verbais e figurativas; conhecimentos sobre as regras de delicadeza, sobre expressões de sabedoria popular...).

⁵ QECR (2001: 185)

A metodologia e as actividades propostas para o presente curso de formação de formadores valorizam, além do debate oral, a descrição e as reflexões pessoais sobre as experiências e as concepções dos formandos através da comunicação escrita assíncrona mediada pelo computador e pelo formador durante as sete horas de formação a distância. A escrita, inclusive a escrita colaborativa requerida pelo trabalho final de cada pequeno grupo de trabalho, realizada para comunicar e dar contributos a uma comunidade de aprendizagem, tem um forte potencial para a aprendizagem profunda e é propiciadora da reestruturação de conceitos e de práticas.

As propostas de planificação que se apresentam neste módulo de formação deverão ser complementadas pela consulta de outros textos e da legislação oficial⁶.

As abordagens centradas nas necessidades linguístico-comunicativas dos formandos são mais abertas e flexíveis. Requerem, da parte do formador, uma gestão eficiente das actividades e tarefas dos conteúdos linguístico-culturais para que todos se mantenham motivados.

A formação deste público exige do formador uma valorização das línguas e das culturas em presença, favorecendo a interajuda e ultrapassando estereótipos pela interacção e pelo diálogo intercultural. Trata-se de uma metodologia de ensino baseada em princípios de orientação construtivista sociocultural. O formador inicia a abordagem de cada tema estimulando a explicitação e a partilha dos conhecimentos prévios, ajudando a uma progressiva construção conjunta de significados e atribuição de sentido, o que se reveste de particular importância quando os aprendentes tiveram experiências de vida muito diversas. Ainda que partilhem algum conhecimento do Mundo, por vezes têm concepções muito diferentes sobre os temas, o respectivo vocabulário temático e formas de uso em diferentes contextos.

Na actuação do formador, as actividades e tarefas, baseadas em situações-problema, não serão unicamente linguísticas mas fazem apelo às competências gerais e comunicativas dos formandos-ensinantes, às dinâmicas do trabalho de grupo.

O formador de português para falantes de outras línguas considerará diferentes factores (psicológicos, linguísticos, culturais e outros) no diagnóstico de necessidades dos formandos, sendo de primordial importância a clarificação de critérios de selecção das abordagens de ensino/aprendizagem do português para falantes de outras línguas e, consequentemente, em função das situações de comunicação, a selecção e elaboração de materiais adequados⁷.

O formador considerará, na planificação do processo de formação, as referências seguintes:

- ▶ O diagnóstico linguístico, isto é, a identificação do nível de proficiência linguística em português (e, sempre que possível, noutras línguas estrangeiras que cada formando aprendeu) e a caracterização (descrição) das competências comunicativas, com recurso à Grelha de Auto-Avaliação do *Portefólio Europeu de Línguas*.
- ▶ A caracterização das experiências socioculturais associadas à aprendizagem das línguas conhecidas dos formandos (onde e com quem aprenderam, com que finalidade), com recurso ao Passaporte de Línguas do *Portefólio Europeu de Línguas*.

⁶ Como, por exemplo, ME / DGIDC (2006). *Português Língua não materna no currículo nacional. Orientações nacionais: Diagnóstico de competências em língua portuguesa da população escolar que frequenta as escolas portuguesas*.

⁷ A este propósito, cf. sugestões de actividades e exercícios de *O Português para Falantes de Outras Línguas*.

- ▶ A caracterização das necessidades prioritárias de aprendizagem – linguística e não linguística.
- ▶ A caracterização da motivação e das expectativas dos formandos.
- ▶ Os conteúdos linguísticos e temáticos.

6 PLANIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO

A concepção dos planos das sessões está orientada para um curso de formação de formadores de curta duração (30 horas). A duração do período de execução dos planos condiciona a extensão dos conteúdos conceptuais e as oportunidades para os formadores em formação ensaiarem a aplicação das orientações metodológicas sobre o ensino de português a falantes de outras línguas. Esta circunstância está na origem de uma forte estruturação das tarefas que requerem mobilização de saberes para resolver determinado tipo de problema, isto é, que servem para treinar o ajustamento da planificação do ensino a públicos diversos e às condições locais.

Os planos das sessões estão baseados nas actuais orientações nacionais e do Conselho da Europa sobre o ensino das línguas a um público adulto. Apresentam conteúdos, propostas de metodologias e de uso de recursos diversificados para orientar as decisões dos formadores de português sobre a escolha e adaptação de tarefas, o uso de recursos didácticos, a avaliação do processo e dos resultados da aprendizagem em grupos de aprendizagem e em contextos locais caracterizados pela diversidade linguística e sociocultural. Pretende-se que seja um processo dialogante, como caracteriza López-Varela (2006), em que o formador apontará possíveis interpretações das formas de comunicar com base nos textos de apoio disponíveis na comunidade virtual do curso, alojada na plataforma Moodle do IEFP, I.P.

Espera-se que a formação mista – presencial e a distância (*blended learning*) – também possa contribuir para impulsionar o aperfeiçoamento de práticas de ensino e de aprendizagem com recursos informáticos e outros. Os recursos informáticos (como o computador, a Internet), pelo seu significado cultural, pela valorização social e pela estratégia da política educativa e tecnológica do país, contribuem para activar novas maneiras de aprender e de ensinar com qualidade, numa base colaborativa e de desenvolvimento de competências ao longo da vida na Sociedade da Informação e do Conhecimento. A incorporação das TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação – só enriquecerá, de facto, o processo de formação se o curso proporcionar um ambiente de aprendizagem com intenções formativas claras e explícitas. As intenções formativas deste módulo incidem nos conteúdos – o ensino da língua portuguesa a falantes de outras línguas –, em tarefas colaborativas e em processos de (re)construção de conhecimentos conceptuais e procedimentais.

A ampliação, até 45 dias, do período potencial de actividade formativa, através da redistribuição das 12 horas obrigatórias de actividade na componente não presencial, permite que os formandos-ensinantes façam uma gestão flexível do tempo e conciliem as condições individuais de actividade com a exigência de qualidade do produto final das

tarefas. Os formadores responsáveis por cada curso de formação de formadores poderão estabelecer o calendário do acompanhamento da actividade nos fóruns virtuais (fórum geral, fórum de pequeno grupo, fórum de dúvidas). Para o efeito anunciarão, na abertura do respectivo fórum, o prazo de resposta (48 horas, por exemplo) a perguntas dos formandos e comentários sobre argumentos utilizados no debate.

As propostas de tarefas valorizam explicitamente a apropriação activa e o uso reflexivo dos conteúdos, pelos formandos-ensinantes, para resolver situações-problema ou significativas, autênticas, numa base colaborativa e de construção de saberes em equipa. A forma de organização social e a forma de organização de cada tarefa estão orientadas por regras próprias e por recomendações sobre a comunicação. Trata-se, pois, de uma metodologia de formação que contribui para aprender melhor com tecnologias cujas formas de uso servem os objectivos pedagógicos.

Entende-se que a actividade autónoma e em grupo de formandos-ensinantes de português é condicionada pelas regras estabelecidas pelos formadores, mesmo quando estes não estão presentes fisicamente, como ocorre na componente virtual da formação. A relação dos formandos-ensinantes de português com os conteúdos programáticos e com o próprio formador está inevitavelmente marcada pelo formato pedagógico adoptado pelo formador.

Esta perspectiva da actividade dos formandos-ensinantes está enquadrada na concepção teórica da actividade conjunta (construtivismo sociocultural de Vigotsky e outros). O computador, a Internet e a comunicação escrita assíncrona (no fórum geral, no fórum do pequeno grupo, no fórum de dúvidas e nas mensagens de correio electrónico) mediatizam, em conjunto com o formador, a relação dos formandos-ensinantes com os conteúdos do curso e, de alguma maneira, com as suas práticas docentes nas condições (existentes ou a criar) em cada contexto.

A proposta de planos das sessões favorece o uso dos recursos tecnológicos com o propósito de ajudar a aprender, construindo conhecimento através da negociação de significados e atribuição de sentido ao longo da resolução das tarefas. Os planos das sessões obedecem a uma sequência que parte das experiências e saberes prévios dos formandos-ensinantes de português (através, por exemplo, do Questionário Experiências Prévias de Ensino ou das anotações no Diário pelos formandos-ensinantes que mantêm a sua intervenção profissional em paralelo com a formação).

A articulação de várias modalidades de comunicação (presencial e virtual, através da escrita assíncrona) poderá favorecer o aprofundamento da reflexão crítica entre os formandos-ensinantes e um maior alcance do curso no impulsionamento de processos de aperfeiçoamento das práticas de formação.

As sessões presenciais estarão separadas por períodos de tempo minimamente necessários à actividade na componente de formação a distância e ao grau de exigência na elaboração dos trabalhos. Recomenda-se, como referência, um intervalo mínimo de cerca de duas semanas entre duas sessões presenciais. As tarefas propostas estão concebidas numa sequência, em torno de determinados conteúdos e recursos, de tal maneira que possam apoiar a construção progressiva do trabalho final: uma proposta de plano de sessão de ensino e de aprendizagem de português para falantes de outras línguas.

Quando os formadores-ensinantes adaptarem as propostas de trabalho apresentadas neste curso, tomarão em conta, nomeadamente nos critérios de avaliação, os conceitos-chave e os princípios metodológicos enunciados, as metodologias de formação, bem como as condições locais de trabalho.

Duração total do curso: 30 horas

- . 18 horas presenciais (6 horas x 3 dias).
- . 12 horas não presenciais (a distância) distribuídas em função das subunidades de formação e das tarefas respectivas.

Subunidades de formação e conteúdos

O curso está estruturado em torno de cinco subunidades de formação e das tarefas respectivas. A Subunidade de Formação 0 tem um carácter transversal.

Subunidade de Formação 0

Conteúdos funcionais das aplicações informáticas e do uso da Internet na comunidade virtual do curso. Estes conteúdos funcionais serão geridos pelos formadores na forma mais adequada aos objectivos da formação e às necessidades dos formandos. Servem para apoiar a comunicação no âmbito da comunidade virtual do curso, para apoiar o uso de recursos tecnológicos com a finalidade de aceder aos conteúdos programáticos, partilhar ideias, informação e os produtos das tarefas.

Subunidade de Formação 1

Orientações europeias e nacionais sobre o ensino das línguas não maternas em contextos não académicos.

Subunidade de Formação 2

Diagnóstico do Nível de Proficiência Linguística e o uso do Passaporte de Línguas do PEL – *Portefólio Europeu de Línguas*.

Subunidade de Formação 3

Modelos de didáctica das línguas não maternas.

Subunidade de Formação 4

Planificação do ensino e da aprendizagem plurilingue.

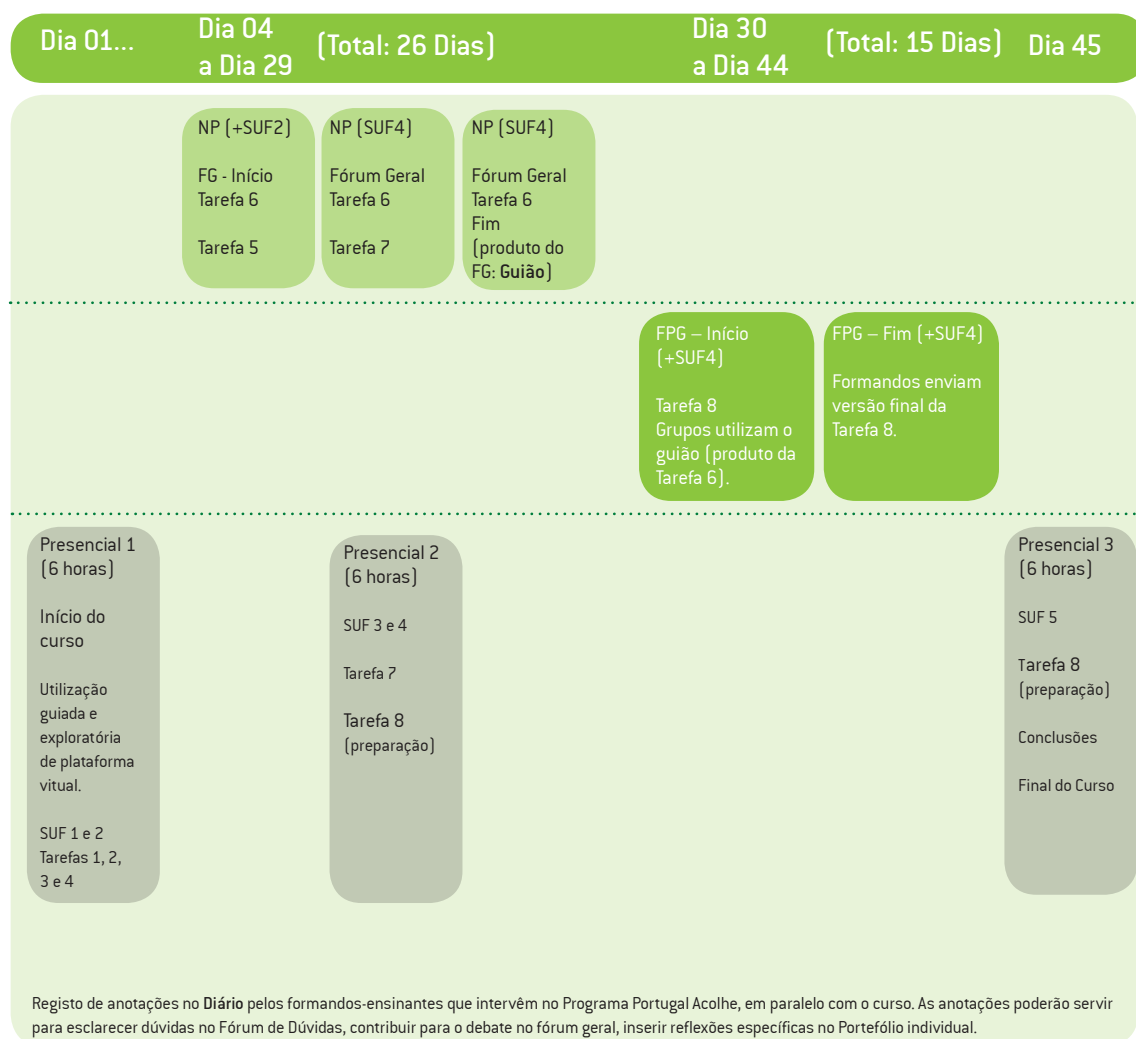
Subunidade de Formação 5

A avaliação da aprendizagem no Nível de Iniciação em contextos não académicos e o uso da Biografia de Línguas do PEL – *Portefólio Europeu de Línguas*.

As Subunidades 2 e 4 enquadram diferentes tipos de tarefas em ambas as componentes, presencial e não presencial, como se pode observar no Quadro 1. Ao realizar uma tarefa de uma determinada subunidade de formação ao longo das situações presenciais e a distância, cada formando-ensinante poderá gerir o tempo da forma adaptada à sua disponibilidade e à disponibilidade dos outros membros do grupo. Os formandos-ensinantes poderão explorar formas diversificadas de utilizar os recursos tecnológicos, bem como a interacção directa para melhorar o aproveitamento prático da formação.

QUADRO 1

Distribuição das subunidades de formação e das tarefas nas componentes presencial e não presencial



Legenda:

P – Formação presencial; NP – Formação não presencial; FG – Fórum geral; FPG – Fórum de pequeno grupo.

SUF: Subunidade de formação.

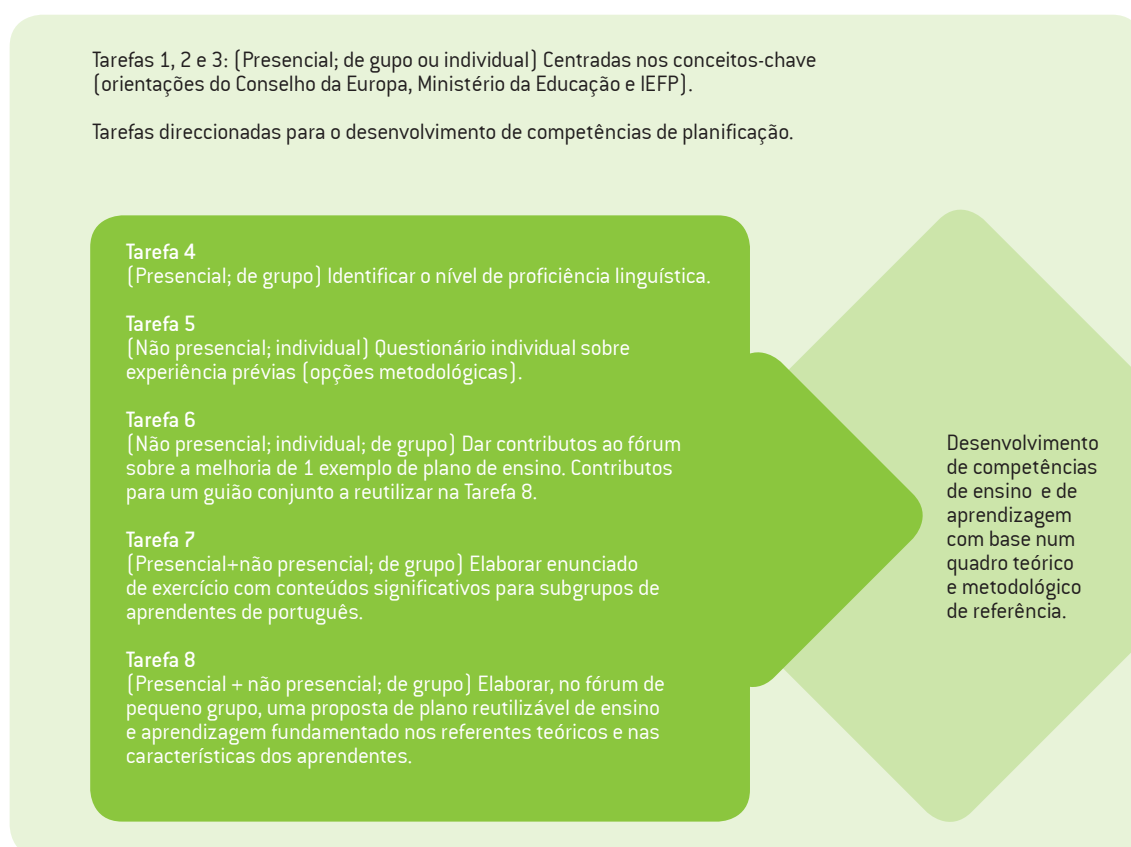
Nota: A escolha da data da sessão presencial poderá ser consensualmente ajustada às condições locais.

O Quadro 2 contém, de forma esquemática, o desenho da concepção das tarefas e da sua relação com o «produto final» da actividade do curso. A elaboração do «produto final» – uma proposta de planificação – visa favorecer a mobilização de diferentes saberes necessários ao desenvolvimento de competências de planificação do ensino e da aprendizagem.

O formador deverá ir explicitando a forma como cada tarefa contribui para a elaboração da Tarefa 8, a mais complexa de todas as tarefas propostas.

QUADRO 2

Tarefas e seus contributos para o desenvolvimento de competências de planificação



O formador poderá utilizar o Quadro 2 como um auxiliar para fazer eventuais adaptações mantendo, ao mesmo tempo, a linha de condução do processo de formação. Trata-se de manter o essencial da concepção segundo a qual algumas tarefas parcelares contribuem indirectamente e outras tarefas contribuem directamente para a realização da Tarefa 8.

Planos das sessões

SUBUNIDADE DE FORMAÇÃO 0

Conteúdos funcionais das aplicações informáticas e do uso da Internet

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	METODOLOGIA E ACTIVIDADES	MATERIAIS
SESSÃO 1 . PRESENCIAL (P) . 1º DIA / MANHÃ (2h 30m) 10h > 12h 30m			
Caracterizar os usos preferenciais das ferramentas informáticas em função das intenções formativas e das necessidades de formação.	<p>As funcionalidades da plataforma virtual <i>Moodle</i> do IEFP, I.P, específicas para a formação de formadores-ensinantes de português a falantes de outras línguas:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Fórum de notícias. – Fórum geral temático. – Fórum de pequeno grupo de formandos-ensinantes. – Fórum de dúvidas. – Espaço de apresentação pessoal/profissional dos participantes. – Espaço de recepção de trabalhos dos formandos. – Aplicações <i>Word</i>, <i>Excel</i>, <i>PowerPoint</i>, <i>Pdf</i>. – Aplicação <i>Hot Potatoes</i> para ensinar e aprender línguas. <p>Formas de articulação entre as componentes de formação presencial e a distância ao longo do curso e elaboração do trabalho final.</p> <p>Uso experimental:</p> <ul style="list-style-type: none"> – das funcionalidades da plataforma <i>Moodle</i> do IEFP, I.P; – da aplicação <i>Hot Potatoes</i>. 	<p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Apresenta cronograma do curso e disponibiliza-se para eventuais acertos para assegurar boa assiduidade de todos os participantes. – Sugere a possibilidade de realizar a última sessão presencial num sábado. <p>[40 minutos] – Apresenta funcionalidades da plataforma virtual <i>Moodle</i> do IEFP, I.P. para as sessões presenciais e a distância num curso de 30 horas.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Toma notas sobre o grau de autonomia e necessidades de orientação dos formandos no uso das aplicações informáticas referidas. <p>Formandos</p> <ul style="list-style-type: none"> – Informam sobre os seus conhecimentos prévios do uso das TIC na óptica do utilizador. – Fazem uma exploração guiada pelo formador de algumas funcionalidades da plataforma <i>Moodle</i> do IEFP, I.P. – Poderão fazer, fora da sessão presencial, uma exploração complementar ou familiarizar-se com as formas de uso de determinados recursos. – Dão contributos para estabelecer um consenso quanto a eventuais acertos no cronograma do curso. 	<p>Recursos informáticos: funcionalidades da plataforma virtual <i>Moodle</i> do IEFP, I.P.</p> <p>Correio electrónico [<i>e-mail</i>].</p> <p>– Aplicações <i>Word</i>, <i>Excel</i>, <i>PowerPoint</i>, <i>Pdf</i>; <i>Hot Potatoes</i>.</p>

Nota:

Os conteúdos funcionais das aplicações informáticas e do uso da Internet podem ser abordados num horário acordado entre os membros da equipa de formação. No entanto, recomenda-se que este horário esteja disponível no primeiro dia para que os formandos disponham de todo o tempo de duração da formação e possam geri-lo da maneira adaptada às respectivas condições de uso.

SUBUNIDADE DE FORMAÇÃO 1

Orientações europeias e nacionais sobre o ensino das línguas não maternas em contextos não académicos

OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	METODOLOGIA E ACTIVIDADES	MATERIAIS
SESSÃO 1 . PRESENCIAL (P) . 1º DIA / MANHÃ (2h 30m) 10h >12h 30m			
<ul style="list-style-type: none"> – Identificar as vantagens do uso formativo das TIC para rendibilizar a formação e para promover a aprendizagem autónoma das línguas ao longo da vida. 	<p>Objectivos da formação mista (presencial e a distância) no âmbito do ensino da língua portuguesa no Programa Portugal Acolhe.</p>	<p>Formador (30 minutos)</p> <p>Apresenta:</p> <ul style="list-style-type: none"> – os objectivos, a metodologia de formação mista (presencial e não presencial) e as modalidades de avaliação adoptadas neste curso; – o calendário que estabelece as datas relativas ao envio de trabalhos para a plataforma virtual. 	<p>Computadores com Internet para os formandos.</p> <p><i>PowerPoint</i> com apresentação do curso.</p>
<ul style="list-style-type: none"> – Utilizar as referências organizativas do curso para gerir estrategicamente a autonomia pessoal e a actividade colaborativa em grupo. – Caracterizar conceitos recorrentes da didáctica das línguas. – Caracterizar o perfil do Utilizador Elementar através de descritores de níveis de referência. 	<ul style="list-style-type: none"> – Metodologia de trabalho e de avaliação neste curso de formação de formadores. – Orientações nacionais e europeias sobre o ensino das línguas não maternas em contextos não académicos. – As finalidades formativas dos três documentos de referência: QECR, PEL – <i>Portefólio Europeu de Línguas</i> e <i>O Português para Falantes de Outras Línguas, o Utilizador Elementar no País de Acolhimento</i> (I, II). Capítulos 2 e 5 do QECR, designadamente as competências do utilizador aprendente. – Conceitos linguísticos básicos: língua materna; L2; LE; L. veicular ou L. franca; bilinguismo; multilinguismo; plurilinguismo; competências comunicativas. – Domínios de comunicação de actuação do público-alvo. Tipos de textos relacionados com os diferentes domínios. 	<p>Apresentação:</p> <ul style="list-style-type: none"> – do formador; – dos formandos: respectiva experiência de ensino de português a estrangeiros, expectativas sobre o curso de formação. <p>Formador</p> <p>Expõe os conteúdos programáticos de forma sucinta.</p> <p>Formandos, depois da sessão presencial, completarão a abordagem dos conteúdos através das leituras recomendadas dos textos disponíveis <i>on-line</i> e da realização dos exercícios <i>on-line</i>.</p> <p>Tarefa 1 – Conceitos recorrentes da didáctica das línguas.</p> <p>Formador</p> <p>Apresenta os objectivos da Tarefa 1.</p> <p>Formandos debatem conceitos recorrentes da didáctica das línguas com base em definições propostas.</p>	<p><i>PowerPoint</i> com apresentação esquemática dos conteúdos do <i>Quadro Europeu Comum de Referência</i> (QECR)</p> <ul style="list-style-type: none"> – Capítulos 2 e 5 do QECR. <p><i>O Português para Falantes de Outras Línguas, o Utilizador Elementar no País de Acolhimento</i> (I, II).</p> <p>PEL – <i>Portefólio Europeu de Línguas</i></p> <p>Um exemplar do original ou cópia do Passaporte de Línguas para cada formando.</p> <p><i>Dicionário de Didáctica das Línguas</i> e QECR, para a Tarefa 1.</p>

Planos das sessões

SUBUNIDADE DE FORMAÇÃO 2

Diagnóstico do Nível de Proficiência Linguística e o uso do *Passaporte de Línguas* do PEL – *Portefólio Europeu de Línguas*

OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	METODOLOGIA E ACTIVIDADES	MATERIAIS
SESSÃO 2 . PRESENCIAL (P) . 1º DIA / TARDE 13h 30m >17h (3h 30m)			
<ul style="list-style-type: none"> – Reconhecer os tipos de competências linguísticas dos participantes nesta formação com base na Grelha de Auto-Avaliação, como forma de reflexão prévia sobre o tema diagnóstico de proficiência linguística. – Identificar as potencialidades do Passaporte de Línguas para a auto-avaliação. – Caracterizar as necessidades de aprendizagem de português de um público adulto, aprendiz não nativo, em diferentes domínios de comunicação, em Portugal como país de acolhimento. – Caracterizar metodologias de diagnóstico das necessidades de aprendizagem no Nível de Iniciação. – Ensaia a utilização dos descritores/QECR para diagnóstico dos níveis de proficiência linguística. 	<p>Diagnóstico de proficiência linguística em português:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Uso dos descritores do QECR e de O Português para Falantes de Outras Línguas, o Utilizador Elementar... (I) – Factores para a caracterização do público-aprendente. <p>Diversidade de experiências de aprendizagem das línguas e das culturas:</p> <ul style="list-style-type: none"> – atitudes em relação à aprendizagem das línguas; – hábitos de estudo, expectativas, competências prévias; – concepção do papel do formador e do formando; – comportamentos culturais e padrões de comunicação (estatuto social, homem-mulher, mais velhos-jovens, etc.). 	<p>Formador expõe conteúdos com apoio de Ppt.</p> <p>Tarefa 2 (individual) – Auto-avaliação com base na Grelha de Auto-Avaliação (15 minutos) Formandos preenchem <i>Passaporte de Línguas</i>, do PEL – <i>Portefólio Europeu de Línguas</i>.</p> <p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Explica o significado da tarefa no processo de formação dos ensinantes. – Orienta análise e debate sobre os conteúdos do preenchimento do <i>Passaporte de Línguas</i>. – Regista num quadro-resumo as línguas representadas no grupo e quantas línguas conhecem os formandos (falam, compreendem, lêem e/ou escrevem). <p>Tarefa 3 (grupo) – Questões-chave do QECR</p> <p>Formandos respondem oralmente às perguntas da Ficha da Tarefa 3. Formador orienta e remete para as indicações do QECR.</p> <p>Tarefa 4 (grupo) – Diagnóstico de nível de proficiência em português</p> <p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Orienta a elaboração. – Sistematiza as conclusões. <p>Formandos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1.º Analisam os textos autênticos propostos e elaboram proposta de diagnóstico de nível de proficiência linguística. 2.º O porta-voz de cada grupo apresenta a proposta de diagnóstico e fundamenta-a. 	<p>Todos os materiais estão disponíveis nos recursos da comunidade virtual.</p> <p>Grelha de Auto-Avaliação do <i>Passaporte de Línguas</i> (PEL, [QECR] com os descritores [para Tarefa 2].</p> <p><i>O Português para Falantes de Outras Línguas, o Utilizador Elementar... (I)</i> [para Tarefa 3].</p> <p><i>Quadro Europeu Comum de Referência</i> (QECR) – Capítulos 2 e 5 do QECR [para Tarefa 3].</p> <p>Textos autênticos não tratados, de aprendentes de português [para Tarefas 3 e 4].</p>

SUBUNIDADE DE FORMAÇÃO 2

Diagnóstico do Nível de Proficiência Linguística e o uso do *Passaporte de Línguas* do PEL – *Portefólio Europeu de Línguas*

OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	METODOLOGIA E ACTIVIDADES	MATERIAIS
SESSÃO 3 . 1ª SESSÃO NÃO PRESENCIAL (NP) . (5h)			
<ul style="list-style-type: none"> – Sistematizar as ideias-chave das orientações nacionais e europeias/ QECR sobre o ensino, a aprendizagem e a avaliação da aprendizagem das línguas. – Identificar concepções sobre metodologias de ensino utilizadas no Nível de Iniciação (níveis A1 e A2/Utilizador Elementar). – Caracterizar metodologias de diagnóstico das necessidades de aprendizagem no Nível de Iniciação. – Ensaiar a utilização dos descritores/QECR para diagnóstico. 	<p>Diagnóstico de aprendizagem de português:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Uso dos descritores do QECR e de <i>O Português para Falantes de Outras Línguas, o Utilizador Elementar...</i> (I). – Factores para a caracterização do público-aprendente. <p>Exemplos de temas significativos para os destinatários do Programa Portugal Acolhe.</p>	<p>Tarefa 5 (individual) – Questionário – Experiências Prévias de Ensino.</p> <p>Tarefa 6: Fórum geral Planificação e Metodologias de Ensino no Nível de Utilizador Elementar.</p> <p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Apresenta mensagem de abertura do fórum. – Propõe periodicidade e calendário das suas intervenções para responder e comentar as intervenções no fórum. – Introduce no fórum um exemplo de plano de sessão para debate e explicita a finalidade da sua análise crítica. – Apresenta regras de participação e de comunicação no fórum. – Orienta debate, clarifica conceitos. <p>Formandos</p> <ul style="list-style-type: none"> – Preparam leitura dos documentos propostos Capítulos I e II (QECR). – Dão contributos ao fórum (um em cada semana, mínimo) através de apreciações fundamentadas nas leituras obrigatórias. 	<p>Todos os materiais estão disponíveis nos recursos da comunidade virtual do curso.</p> <p>Questionário 2 – Experiências Prévias de Ensino (para Tarefa 5).</p> <p>– <i>Quadro Europeu Comum de Referência</i> (QECR) e PEL – <i>Portefólio Europeu de Línguas</i>. – <i>O Português para Falantes de Outras Línguas, O Utilizador Elementar...</i> (I, II): pp. 8 a 14.</p> <p>Mensagem de abertura do fórum geral, com objectivos, regras de participação e de comunicação.</p> <p>Exemplo de plano de sessão de ensino e aprendizagem de português.</p>

Planos das sessões

SUBUNIDADE DE FORMAÇÃO 3 Modelos de didáctica das línguas não maternas

OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	METODOLOGIA E ACTIVIDADES	MATERIAIS
SESSÃO 4 . PRESENCIAL (P) . 2º DIA / MANHÃ 10h >12h 30m (2h 30m)			
<ul style="list-style-type: none"> – Identificar as implicações que os diferentes modelos de didáctica da língua não materna podem ter na maneira de aprender. – Caracterizar a metodologia de abordagem de textos a partir dos conhecimentos prévios dos aprendentes. 	<p>Modelos de didáctica das línguas não maternas: modelo comunicativo e intercultural.</p> <p>Modelo de abordagem de textos a partir dos conhecimentos prévios dos aprendentes de português.</p>	<p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Expõe conteúdos. – Propõe aos formandos que apresentem exemplos das metodologias que descreveram no Questionário - Experiências Prévias de Ensino. <p>Formandos comentam:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Exemplos das metodologias que descreveram no Questionário –Experiências Prévias de Ensino (Tarefa 5). – Anotações no Diário (dos formandos-ensinantes que intervêm num curso do Portugal Acolhe em paralelo com a formação). 	<p>Texto: Aprendizagem e ensino de línguas QECR (2001: pp. 185 - 216).</p> <p><i>PowerPoint</i> sobre modelo de abordagem de texto.</p> <p>Texto do Modelo de Contrato de Trabalho.</p>
<ul style="list-style-type: none"> – Interpretar o perfil do Utilizador Elementar através de descritores de níveis de referência. – Caracterizar boas práticas de ensino e aprendizagem relacionadas com os contextos. – Ensaia a elaboração de exercícios de diagnóstico em formato <i>Word</i>. (Para futura edição <i>on-line</i>, com a aplicação <i>Hot Potatoes</i>.) 	<p>Competências do Utilizador Elementar.</p> <p>Planificação do ensino e da aprendizagem plurilingue:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Objectivos de ensino e de aprendizagem das línguas. – Metodologias e abordagens do ensino/aprendizagem das línguas. – Critérios de selecção e apresentação de temas, materiais e actividades no nível de iniciação. – Exemplos de exercícios (verdadeiro/falso, associação de palavras, preenchimento de lacunas) para avaliação diagnóstica. – Temas significativos para os destinatários do Programa Portugal Acolhe. 	<p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Expõe conteúdos. – Orienta o início do trabalho final (Tarefa 8) em grupo e a preparação da apresentação final. <p>Formandos</p> <ul style="list-style-type: none"> – Relatam e analisam experiências de ensino de português a falantes de outras línguas, reportando-se aos modelos teóricos apresentados. <p>Tarefa 7 – Elaboração de enunciados de exercícios</p> <p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Dá informação sobre as vantagens, para a aprendizagem, da diversificação de tarefas de treino da leitura e escrita. – Descreve os princípios da concepção do enunciado dos exercícios. – Evidencia as vantagens do uso de <i>Hot Potatoes</i> como ferramenta que ajuda o formador na diversificação de exercícios personalizados para os aprendentes. – Faz comentários críticos sobre exemplos de exercícios, alguns em páginas Web de acesso livre. – Orienta formandos no reconhecimento e identificação de insuficiências e potencialidades dos exercícios disponíveis <i>on-line</i>. <p>Formandos</p> <ul style="list-style-type: none"> – Elaboram esboço de enunciado de exercícios, em <i>Word</i>. 	<p>Descritores dos Níveis de Referência do QECR.</p> <p>Descritores de <i>O Português para Falantes de Outras Línguas, o Utilizador Elementar no País de Acolhimento</i> [I, II].</p> <p>Análise de textos produzidos por falantes não nativos.</p> <p>Internet.</p> <p><i>PowerPoint</i>.</p> <p>Programa <i>Word</i> Aplicação de <i>Hot Potatoes</i>.</p> <p>http://web.educam.pt/pr1305/hotpot_lp.htm</p>

SUBUNIDADE DE FORMAÇÃO 4

Planificação do ensino e da aprendizagem plurilingue

OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	METODOLOGIA E ACTIVIDADES	MATERIAIS
SESSÃO 5 . PRESENCIAL (P) . 2º DIA / TARDE 13h 30m >17h (3h 30m)			
<ul style="list-style-type: none"> – Descrever o funcionamento da língua em situação de comunicação. – Ensaia a adaptação das metodologias de ensino/aprendizagem das línguas ao público adulto em função das línguas representadas no grupo e das necessidades dos formandos. – Caracterizar diferentes abordagens metodológicas de um modelo de texto (ex.: <i>Contrato de Trabalho</i>, uma declaração para a Segurança Social) para aprendentes nos níveis A1 e A2/Utilizador Elementar. 	<ul style="list-style-type: none"> Planificação do ensino e da aprendizagem plurilingue. A língua em situação de comunicação. Norma e uso. As competências comunicativas em língua. Princípios da elaboração de planos de sessões para aprendentes/ Níveis A1 e A2. aprendentes de português. 	<p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Expõe conteúdos. – Dá exemplos de abordagem plurilingue (ex.: exercício de palavras cruzadas de origem árabe, em: http://web.educum.pt/pr1305/hotpot_lp.htm – Dinamiza debate sobre as instruções dos exercícios, tendo em conta as necessidades de <i>input</i> compreensivo no Nível A1 e A2. <p>Tarefa 8 – Planificação de uma sessão de ensino de português a falantes de outras línguas/Nível Utilizador Elementar.</p> <p>Formador</p> <ul style="list-style-type: none"> – Apresenta a finalidade do fórum geral e da Tarefa 8. – Apresenta o plano de organização da actividade. – Define critérios para a constituição dos pequenos grupos. – Orienta os grupos na tomada de decisões sobre como organizar a actividade conjunta. – Questiona os participantes que fizeram registos no Diário para que o grupo possa mobilizar as reflexões individuais para aperfeiçoar a poposta do grupo. – Ajuda cada grupo a definir as características dos potenciais destinatários da proposta de plano de sessão, com base nos itens relevantes do Questionário Experiências Prévias de Ensino. <p>Formandos</p> <ul style="list-style-type: none"> – Definem conjuntamente as características dos potenciais destinatários da sua proposta de plano de sessão. – Tomam decisões sobre como se vão organizar para elaborar conjuntamente a proposta de planificação. 	<p>http://web.educum.pt/pr1305/hotpot_lp.htm (Palavras cruzadas)</p> <p>http://navegar2.com.sapo.pt/portug2/familia_palavras.htm (Exercícios sobre famílias de palavras)</p> <p>http://navegar2.com.sapo.pt/portug2/agrupar_sin_ant_homof/sin_ant_hom_agrupar.html (Exercícios sobre sinónimos, antónimos, homófonas)</p> <p>– Documentos autênticos não tratados de falantes de outras línguas (público adulto).</p> <p>– DOCUMENTOS DE APOIO II: Formação</p> <p>– Narrativas de vida; exemplos de planos de sessões.</p>



7 AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS

No âmbito da finalidade do Referencial – contribuir para o desenvolvimento de competências de planificação do ensino e da aprendizagem – é indispensável destacar a aplicação do princípio que consiste em explicitar os critérios de avaliação desde o início da formação.

Para uma classificação positiva apenas se consideram suficientes as formas de participação dos formandos que correspondem aos critérios previamente estabelecidos. Por exemplo, dar opiniões e trocar experiências no Fórum virtual temático sem fundamentar, pelo menos, dois desses contributos, não permite a atribuição de uma classificação de «muito bom».

A fundamentação adequada é uma das evidências que dá informação ao formador sobre o grau de desenvolvimento da consciência crítica. A consciência da finalidade da formação reflexiva revela-se, por exemplo, na maneira como os formandos-ensinantes comentam as suas práticas e quando elaboram propostas de planificação do ensino da língua-alvo. É o desenvolvimento da consciência crítica que lhes possibilita aperfeiçoarem as suas concepções e práticas de maneira intencional, autónoma e enquadrada nas orientações oficiais. Aplicar os critérios estabelecidos e adequados às condições de cada acção de formação, evitando improvisar critérios de avaliação *a posteriori*, é imprescindível para dar credibilidade à acção formativa, à concepção pedagógica subjacente, ao certificado final e à instituição que o emite.

Ao longo da formação, cada formando-ensinante poderá elaborar um portefólio individual com os trabalhos produzidos. Poderá registar também as suas reflexões, os exemplos que ajudem a reutilização e a adaptação das sugestões metodológicas recolhidas desde o início até ao final da formação. No portefólio poderão estar arquivadas as tarefas realizadas individualmente pelo formando ou as sínteses de trabalho de grupo.

A participação na componente não presencial da formação é complementar da participação nas sessões presenciais e faz parte dos indicadores da avaliação contínua e final, como se pode observar na grelha apresentada adiante.

A classificação final corresponde a uma média ponderada, na qual têm peso preponderante os contributos para o debate no fórum virtual temático, a elaboração de enunciados de exercícios e a planificação de um módulo de ensino de português.

Valores para a classificação ponderada:

- 10% como valor para o conjunto das tarefas 1, 2, 3, 4 e 5, que formador pode gerir de forma flexível.
- 20% para a Tarefa 6 – Participação no debate do fórum geral virtual e elaboração colaborativa do guião orientador.
- 20% para a Tarefa 7 – Enunciados de exercícios a editar com a aplicação informática *Hot Potatoes*.
- 50% para a Tarefa 8 – Participação no fórum de pequeno grupo e elaboração colaborativa de planificação de uma sessão de ensino de português a falantes de outras línguas/Nível de Utilizador Elementar.

Critérios de classificação

1. Componente presencial da formação: relevância dos comentários e perguntas para a formação sobre o tópico, fundamentação de opiniões e dúvidas, exemplos oportunos e que facilitam a estruturação e aplicação de conceitos.

2. Componente não presencial da formação

- Participação nos fóruns com base nas regras de participação estabelecidas (ver Ficha de Actividades 6 e 8).
- Envio de trabalhos para a plataforma virtual nos prazos estabelecidos.
- Características comuns de comunicação nos vários espaços da formação:
 - . mensagens bem estruturadas, sucintas e fundamentadas sempre que possível nas leituras obrigatórias;
 - . linguagem descritiva, sempre que possível, com informação sobre o contexto, antes de emitir juízos de valor ou fazer interpretações pessoais;
 - . formulação sucinta, explicitando o aspecto(s) em foco.

As tarefas 6 e 8 têm critérios adicionais de avaliação que têm em conta as especificidades do trabalho a desenvolver.

O Quadro 3 apresenta uma grelha que, através de exemplos de anotações sobre cada formando, pode auxiliar o formador no processo de avaliação da aprendizagem e de classificação.

QUADRO 3

Grelha exemplificativa de classificação baseadas na aplicação dos critérios para atribuição da classificação final

Formandos/ classificação ponderada em cada tarefa	10%				20%		20%	50%	Total 100%
	Tarefa 1 Conceitos didáticos da língua	Tarefa 2 Auto- avaliação/ Grelha	Tarefa 3 Questões- -chave QECR	Tarefa 4 Diagnóstico de proficiência	Tarefa 5 Questionário experiências prévias de ensino	Tarefa 6 Fórum geral	Tarefa 7 Enunciados de exercícios	Tarefa 8 Planificação de sessão	Classificação final ponderada
1. Formando X	Sim	Sim	Sim	Sim	Não apresentou na sessão presencial		2* Bom	Bom	Bom
2. Formando Y	Não	Sim	Sim	Sim	Não apresentou na sessão presencial	2 (1* +1**	Não apresentou na sessão presencial	Excelente	Excelente
3. Formando Z	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Nunca participou Sem classificação	Não apresentou na sessão presencial		Sem classificação. Só certificado de participação na 1ª sessão presencial

(*) Contributo fundamentado e reportado às leituras recomendadas.

(**) Contributo relevante, mas não fundamentado nas leituras (descrição de um exemplo, comentário crítico).



8 BIBLIOGRAFIA E ENDEREÇOS ELECTRÓNICOS

Brumfit, Christopher [2001]. *Individual Freedom in Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.

Byram, Michael; Gribkova, Bella; Starkey, Hugh [2002]. *Développer la dimension interculturelle dans l'enseignement des langues. Une introduction pratique à l'usage des enseignants*. Conselho da Europa. Estrasburgo [Disponível na Internet no site do Conselho da Europa].

Candelier, M.; Camilleri-Grima, A.; Castellotti, V.; Pietro, J.-F. de; Lörincz, I.; Meissner, J.-F.; Noguerol, A.; Schröder-Sura, A. [2008]. *Marco de Referencia para los Enfoques Plurales de las Lenguas y de las Culturas*. Conselho da Europa: European Centre for Modern Languages.

Casanova, Custódia [2007]. *Contributos para o Estudo do Ensino do Português a Falantes de Outras Línguas – O Caso do Concelho de Évora*. Lisboa: Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa.

Casteleiro, J. M. et al. [1988], *Nível Limiar*, Conselho da Europa. Estrasburgo; D. L. C. P., Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP), Lisboa.

Coll, C. [2004]. «Psicología de la educación y prácticas educativas mediadas por las tecnologías de la información y la comunicación». Revista *Sinéctica*, 25, pp. 1-24.

Coll, C.; Bustos, A.; Engel, A. [2007]. «Comunidades de práctica complementarias: el equipo del programa y la comunidad en línea del curso». In Rodríguez Illera, J. L. [Coord.] *Comunidades virtuales de práctica y de aprendizaje*. [Monografía on-line]. Revista *Electrónica de la Educación: Educación y Cultura en la Sociedad de la Información*. Vol. 8, n.º 3. Universidade de Salamanca.

http://www.usal.es/ffteoriaeducacion/rev_numero_08_03/n8_03_coll_bustos_rocamora

Coll, C., Onrubia, J & Mauri, T. [2007]. «Tecnología y prácticas pedagógicas: las TIC como instrumentos de mediación de la actividad conjunta de profesores y estudiantes». In *Anuario de Psicología*.

Conselho da Europa [2004]. *Portefólio Europeu de Línguas*. Lisboa: Ministério da Educação (versão portuguesa).

Conselho da Europa [2001]. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação* [sigla: QECR]. Porto: Edições ASA.

http://www.asa.pt/downloads/Quadro_Europeu_001_072.pdf

Correia, Maria da Luz [2006]. «Ser formador em contexto de diversidade cultural». Revista *Formar* n.º 53. Lisboa: IEFP.

Correia, Maria da Luz [2006]. «Planificação da formação em contexto de diversidade cultural». Revista *Formar*, n.º 53. Lisboa: IEFP.

Declaração Universal dos Direitos Linguísticos [Barcelona, 1996]. Tradução do PEN Clube Português, Edição da Comissão Nacional da UNESCO, Portugal.

Díaz-Aguado, María José [2000]. *Educação Intercultural e Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Porto Editora.

Fernández, Sonsoles [2004]. «Evaluación de la Competencia Comunicativa Lingüística». In *Perspectivas teóricas y metodológicas: lengua de acogida, educación intercultural y contextos inclusivos*, Comunidad de Madrid.

Fischer, Glória; Dias, Helena M.; Correia, Maria da Luz [2001]. *Português 2.ª Língua. Módulo de Iniciação*. Lisboa: ANEFA [Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos].

Galisson, R.; Coste, D. [1983]. *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra: Almedina.

Grosso, M. José; Tavares, Ana; Tavares, Marina [2008]. *O Português para Falantes de Outras Línguas*. DGIDC, ANQ, IEFP.

Grosso, M. José [2007]. «A Prática Pedagógica na Diversidade Multicultural». In Bizarro [org.] *Eu e o Outro*. Areal Editores, pp. 335-340.

Grosso, M. José [2006]. «O perfil do professor de português para falantes de outras línguas numa sociedade multicultural». In Bizarro e Braga [orgs.]. *Formação de Professores de Línguas Estrangeiras*. Porto Editora, pp. 262-266.

López-Varela Azcárate, Asunción [2006]. *Experiencias innovadoras de formación colaborativa y combinada (b-learning)*. Comunicação ao II Encuentro sobre experiencias grupales innovadoras en la docencia universitaria. http://www.ucm.es/info/FInglesa/Profesores/lopez_varela.htm

Marques, M. E. [2003]. *Português Língua Segunda*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mercer, Neil [1998]. «Development through dialogue: A socio-cultural perspective on the process of being educated». In Quelhas, A. C. e Pereira, F. (eds.), *Cognition and Context*, pp. 67-96. Lisboa: ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Perrenoud, Philippe [2001]. *Porquê Construir Competências a partir da Escola?* Porto: ASA.

Perrenoud, Philippe [2000]. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Roldão, Maria do Céu [2003]. *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências*. Lisboa: Ed. Presença.

Vigotsky, L. S. [1994]. *Pensamento e Linguagem*. S. Paulo: Martins Fontes.

Endereços electrónicos

Plataforma virtual Moodle do IEPF
<http://www.elearning.cmqf.org>

Ministério da Educação, DGIDC
<http://sitio.dgidc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Paginas/default.aspx>
<http://sitio.dgidc.min-edu.pt/PressReleases/Paginas/OPortuguesparaFalantesdeOutrasLinguas.aspx>
<http://www.min-edu.pt/np3/2030.html>
[*O Português para Falantes de Outras Línguas* (2008)]

http://www.oi.acime.gov.pt/docs/Seminario_LPIntegracao/3_Maria_Jose_Grosso.pdf
[*O Utilizador Elementar no País de Acolhimento*]

<http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http%3A//sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%2520Recursos2/Attachments/776/Portugu%25C3%25AAsparaFalantesdeOutrasLingua.pdf>
[Realização de tarefas e Fichas modulares]

<http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http%3A//sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%2520Recursos2/Attachments/777/Sugest%25C3%25B5esdeActividades.pdf>
[Sugestões de actividades e Exercícios]

http://www.oi.acime.gov.pt/docs/Seminario_LPIntegracao/3_Maria_Jose_Grosso.pdf
Texto – «As competências do utilizador elementar no contexto de acolhimento» [Maria José Grosso, 2007].

<http://www.dgidc.min-edu.pt/TLEBS/GramaTICa/index.html>
PEL [*Portefólio Europeu de Línguas*] – Guia para Professores
http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/portfolio_europeu_linguas_final.pdf

Texto: PEL – *Portefólio Europeu de Línguas* [Glória Fischer, 2001, Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular]
<http://www.dgidc.min-edu.pt/revista/revista2/portfolioeuropeulinguas.htm>

Texto: «Políticas linguísticas numa Europa multilíngue e multicultural», *Quadro Europeu Comum de Referência e Portefólio Europeu de Línguas* [Glória Fischer, 2004, Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular]
http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/politicas_ling_europa_multil_multicult.pdf

PEL – *Portefólio Europeu de Línguas*, Ministério da Educação, DGIDC-Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
<http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/portfolio.pdf>

<http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/portfolio.pdf>

Texto: tradução da Grelha de Auto-Avaliação com os descritores do *Portefólio Europeu de Línguas* (10-15 anos) para:

a) Português:

<http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/grelhasportugues.pdf>

b) Ucraniano:

<http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/grelhasucraniano.pdf>

c) Mandarim:

<http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/grelhasmandarim.pdf>

d) Crioulo de Cabo Verde:

<http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/grelhascrioulo.pdf>

Instituto Camões

http://www.instituto-camoes.pt/cvc/fichaspraticas/formulario/quadro_niveiscomuns.html

<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/aprender-portugues/a-falar/guia-de-conversacao.html>

[Guia de conversação para aprendentes no nível de iniciação e que têm conhecimentos de inglês como língua veicular].

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural

<http://www.acidi.gov.pt/>

<http://www.acidi.gov.pt/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=932>

[Aprender Português *on-line*].

<http://www.acidi.gov.pt/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=1089>

[Serviço de Tradução Telefónica – STT].

Universidade Aberta

www.univ-ab.pt/disciplinas/dlcp/pagina_dlcp/cursos-geral/qecr.html

Conselho da Europa

http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Goullier_Outils_EN.pdf

Páginas Web de acesso livre, para consulta sobre actividades de aprendizagem de português

http://web.educom.pt/pr1305/hotpot_lp.htm

[Palavras cruzadas]

http://navegar2.com.sapo.pt/portug2/familia_palavras.htm

[Exercícios sobre famílias de palavras].

Texto: PEL – *Portefólio Europeu de Línguas* (Glória Fischer, 2001, Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular]

<http://www.dgfdc.min-edu.pt/revista/revista2/portfolioeuropeulinguas.htm>

Texto: «Políticas linguísticas numa Europa multilíngue e multicultural», *Quadro Europeu Comum de Referência e Portefólio Europeu de Línguas* (Glória Fischer, 2004, Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular)

http://www.dgfdc.min-edu.pt/plnmaterna/politicas_ling_europa_multil_multicult.pdf

Conselho da Europa/Council of Europe – Language Policy Division – Policy Development activities

Texto: Guide for the Development of Language Education Policies in Europe

www.coe.int/lang

Centre Européen pour les Langues Vivantes

<http://www.ecml.at/>

«European day of Languages – 26 September»

<http://www.ecml.at/edl/>

«Greeting Cards»

<http://www.ecml.at/edl/greetingcards.asp>

Texto :

[Versão francesa] «CARAP – Cadre de Référence pour les Approches Plurielles DES Langues et des Cultures» (Candelier, M. *et al.*, 2008).

[Versão espanhola] «MAREP – Marco de Referencia para los Enfoques Plurales de las Lenguas y las Culturas» (Candelier, M. *et al.*, 2008).

http://carap.ecml.at/Portals/11/documents/MAREP_Cast_vers5def_08.pdf

Comunidades virtuais de formação de professores sobre o ensino da língua portuguesa

– Portulano

<http://www.portulan-online.net/>

Portulano é o acrónimo de *Portuguese Language Network – On-line*, uma comunidade virtual de aprendizagem e desenvolvimento profissional em torno da língua portuguesa.

É um «projecto de comunidade da língua portuguesa que se inspira no espírito da viagem, da descoberta, da partilha da experiência e do conhecimento» (Ana Cristina de Sousa, Coordenadora do Ensino Português na Califórnia).

– UNESCO – Open Educational Resource

UNESCO OER Toolkit/Integrating OER into Teaching and Learning

http://oerwiki.iiep-unesco.org/index.php?title=UNESCO_OER_Toolkit/Integrating_OER_into_Teaching_and_Learning

ROTEIROS DE TRABALHO

Os Roteiros de Trabalho contêm exemplos de fichas de tarefa.

Cada ficha de tarefa apresenta a justificação da actividade, os seus objectivos, as condições de realização – duração, dimensão dos grupos de trabalho, material e espaço físico – e a metodologia.

A realização das tarefas deve estar enquadrada, desde o início, num calendário consensual que estabelece as datas dos períodos destinados ao envio de trabalhos para a plataforma virtual.



LISTA GLOBAL DE TAREFAS

Notas para os formadores:

- ▶ As tarefas poderão incidir noutros tópicos do QECR e de outros documentos de referência.
- ▶ A duração proposta das tarefas pode ser alterada em função dos públicos.

Tarefa 0

(individual)

Diário de Actividade de Ensino no Programa Portugal Acolhe

Descrição

Esta tarefa destina-se aos formandos-ensinantes que mantêm a sua intervenção profissional em paralelo com a formação.

- ▶ Componente de formação presencial e não presencial.
- ▶ Justificação da tarefa: a tarefa é relevante para o processo de reflexão individual e de reflexão sobre a prática de formação do público-alvo. Os registos no Diário têm um potencial muito rico para aprofundar as questões do ajustamento às diferentes necessidades dos aprendentes de português em diferentes contextos e, não menos importante, para detectar aspectos da operacionalização de conceitos que podem ser clarificados pelos formadores durante o curso.

Objectivos da tarefa

1. Fazer anotações sobre reflexões pessoais que vão surgindo nas fases de planificação das sessões, no decorrer das sessões e na avaliação do processo de ensino-aprendizagem no âmbito dos cursos do Programa Portugal Acolhe.
2. Utilizar as anotações para dar (e receber) contributos ao fórum geral, ao fórum de dúvidas e ao fórum de pequeno grupo e, ainda, ao debate nas sessões presenciais.

Duração

A duração do período de anotações no Diário está naturalmente condicionada pelo calendário, quer dos fóruns do curso de formação de formadores, quer do curso de português para os destinatários do Programa Portugal Acolhe nos quais os autores das anotações intervêm.

Metodologia

Se possível, o formando-ensinante deverá fazer anotações diárias. Se não, recomenda-se que faça as suas anotações uma vez por semana, no mínimo.

Na Ficha de Actividade 0 estão indicadas sugestões sobre o tipo de linguagem a utilizar no Diário que servem para facilitar a utilização e o uso das anotações para diferentes fins, nomeadamente para partilhar com os participantes na formação.

O autor do Diário decidirá quais os conteúdos das anotações que partilhará, tendo sempre presente o interesse potencial de todas as anotações para o aprofundamento e esclarecimento dos muitos aspectos conceptuais e operativos que estão contidos no tema Planificação e Metodologias de Ensino de Português a Falantes de Outras Línguas no Nível de Utilizador Elementar.

Para assegurar uma boa comunicação com os outros participantes, é especialmente importante utilizar uma linguagem descritiva e rigorosa e dar informação relevante sobre o contexto e as situações didácticas em que incidem as anotações.

Material

Caderno de anotações ou ficheiro electrónico, conforme os recursos disponíveis e/ou a preferência do utilizador.

Tarefa 1

(em grupo) Sessão 1/Presencial

Conceitos recorrentes da didáctica das línguas

Descrição

Os formandos debatem conceitos recorrentes da didáctica das línguas com base em definições propostas.

- Componente de formação presencial.
- Justificação da tarefa: a necessidade de reflectir de forma crítica sobre os conceitos propostos no âmbito da didáctica das línguas vivas.

Objectivos da tarefa e critérios de avaliação

1. Debater alguns conceitos recorrentes da didáctica das línguas: língua estrangeira, língua materna, segunda língua, centragem no aprendente.
2. Participar no debate utilizando formulações de definições adequadas e fundamentadas.

Duração/prazo de entrega

15 minutos.

Metodologia

Análise de casos e debate.

O formador distribui a ficha com as definições de alguns conceitos relativos a didáctica das línguas. Esta ficha tem algumas lacunas que o formador pede que sejam preenchidas pelos formandos-ensinantes.

Cada subgrupo faz a leitura, análise e preenchimento de lacunas e, depois, partilha oralmente com o grande grupo as opiniões que foram expressas durante a análise. O formador ajudará a desfazer eventuais dúvidas que tenham surgido nos subgrupos e poderá aprofundar algumas das reflexões.

No final, o formador fará a síntese dos pontos essenciais a reter relacionados com a temática em discussão.

Material

Bibliografia seleccionada (Dicionário de termos linguísticos; QEER).

Tarefa 2

[individual] Sessão 2/Presencial

Auto-avaliação com base na Grelha de Auto-Avaliação (Passaporte de Línguas, Portefólio)

Descrição

Os formandos realizam a auto-avaliação do nível de domínio das línguas que conhecem, em cada uma das cinco áreas de competência.

- Componente de formação presencial.
- Justificação da tarefa: necessidade de analisar, de forma reflexiva e significativa para cada formando-ensinante, o instrumento de diagnóstico Grelha de Auto-Avaliação. Aprofundará a metodologia que utilizará como formador-ensinante quando orientar os aprendentes no preenchimento da Grelha.

Objectivos da tarefa e critérios de avaliação

1. Reconhecer o perfil pessoal de domínio de cada língua em cada uma das cinco áreas de competência comunicativa definidas pelo QECR.
2. Identificar desafios específicos da auto-avaliação nos Níveis A1 e A2.
3. Debater formas de orientação da auto-avaliação pelos aprendentes de português.

Duração/prazo de entrega

10 minutos para preenchimento e 10 minutos para o debate.

Metodologia

Auto-avaliação reflexiva guiada pelo formador.

Material

Grelha de auto-avaliação do Passaporte de Línguas (PEL).

Tarefa 3

[em grupo] Sessão 2/Presencial

Questões-chave do QECR

Descrição

Os formandos respondem às questões propostas pelo QECR:

1. O que fazemos exactamente quando falamos ou escrevemos uns aos outros?
2. O que nos permite agir assim?
3. O que precisamos de saber a este respeito para tentarmos utilizar uma língua nova?
4. Como definimos os nossos objectivos e avaliamos o nosso progresso entre a ignorância total e o domínio efectivo da língua estrangeira?
5. Como se processa a aprendizagem da língua?
6. Que podemos fazer para nos ajudarmos a nós próprios e aos outros a melhor aprendermos uma língua?

- Componente de formação presencial.
- Justificação da tarefa: a necessidade de reflectir de forma crítica sobre comunicação e o processo de ensino e de aprendizagem de línguas vivas.

Objectivos da tarefa e critérios de avaliação

1. Explicitar e analisar representações e concepções de ensino-aprendizagem.
2. Formular, de maneira fundamentada, os contributos para o debate sobre o tema.

Duração/prazo de entrega

30 minutos.

Metodologia

Debate.

Material

QEER.

Tarefa 4

(em grupo) Sessão 2/Presencial

Diagnóstico de nível de proficiência em português

Descrição

Os formandos analisam textos de aprendentes de português (textos escritos autênticos não tratados e, sempre que possível, textos orais em gravações vídeo ou áudio).

- Componente de formação presencial.
- Justificação da tarefa: desenvolvimento das competências de diagnóstico através do uso operativo dos conceitos-chave apresentados.

Objectivos da tarefa e critérios de avaliação

1. Distinguir tipos de erro pela sua importância na comunicação.
2. Corrigir os erros que interferem significativamente na mensagem.
3. Corrigir os erros mais frequentes.
4. Atribuir um nível de proficiência.
5. Distinguir os erros do próprio nível.
6. Evidenciar conhecimentos sobre a descrição da língua através da formulação fundamentada.

Duração/prazo de entrega

40 minutos.

Metodologia

Análise dedutiva e indutiva. Debate. Formador orienta análise da tipologia de erros.

Formandos

- 1.º. Analisam os documentos autênticos, não tratados, e elaboram proposta de diagnóstico de nível de proficiência linguística.
- 2.º. O porta-voz de cada grupo apresenta a proposta de diagnóstico e fundamenta-a.

Material

Textos do público aprendente não nativo (ex.: Texto 1/texto autêntico não tratado); descritores linguísticos do QECR; *Português Segunda Língua* (2001).

Tarefa 5

(individual) Sessão 3/Não presencial; Sessão 4/Presencial

Questionário Experiências Prévias de Ensino

Descrição

Os formandos preenchem um questionário através de respostas a questões abertas em que descrevem exemplos das suas práticas de ensino.

- Componente de formação não presencial.
- Justificação da tarefa: explicitar, comunicar e reflectir sobre práticas de ensino das línguas não maternas é indispensável para o desenvolvimento da consciência crítica e das competências docentes.

Objectivos da tarefa e critérios de avaliação

1. Descrever aspectos específicos de práticas de ensino.
2. Reconhecer opções metodológicas individuais.
3. Comparar opções metodológicas em contextos de ensino e de aprendizagem diferentes.

Duração/prazo de entrega

Uma semana após o início da acção de formação.

Metodologia

Debate; guia, pelo formador do processo de reconhecimento das concepções pessoais e de contraste com os conceitos-chave propostos.

Material

Questionário de resposta aberta, descritiva.

Tarefa 6

(individual) Sessões 2 e 3/Não presenciais

Participação no Fórum Geral Virtual sobre Planificação e Metodologias de Ensino de Português a Falantes de Outras Línguas/Nível de Utilizador Elementar

Descrição

A Tarefa 6 requer que cada formando dê contributos ao debate sobre o tema, com base nas regras de participação apresentadas pelo formador na abertura do fórum geral (ver as regras de participação na Ficha da Tarefa 6).

O debate é suscitado pela análise crítica de um plano de sessão de ensino de português disponível desde a abertura do fórum.

O final do debate concretiza-se num guião conjunto com um mínimo de cinco e um máximo de dez orientações indispensáveis a uma correcta elaboração de planos de sessão do ensino de português no Nível de Utilizador Elementar.

- Componente de formação não presencial.
- Justificação da tarefa: ensaiar a operacionalização dos conceitos e procedimentos apreendidos e debatidos nas sessões presenciais para aperfeiçoar as competências de planificação do ensino.

Objectivos da tarefa e critérios de avaliação

1. Analisar de forma crítica e fundamentada a proposta de um plano de sessão de ensino de português a falantes de outras línguas.
2. Ensaiar a aplicação de conceitos-chave do QECR a exemplos de situações concretas de ensino a aprendentes no Nível de Utilizador Elementar.
3. Elaborar, nas últimas duas semanas do fórum geral virtual, um guião com um mínimo de cinco e um máximo de dez orientações consideradas consensualmente pelos participantes como guião de princípios indispensáveis à correcta elaboração da Tarefa 8, em particular, e dos planos de sessões de ensino de português no Nível de Utilizador Elementar, em geral.

Metodologia

Debate guiado pelo formador/tutor.

A mensagem de abertura do Fórum geral (ver Ficha de Actividade 6) apresenta as regras de participação e de comunicação, explicita em que condições a tarefa deve ser realizada e qual a sua relação com o trabalho final (Tarefa 8).

Formador

- apresenta a sua mensagem de abertura do fórum geral;
- expõe as regras de participação e de comunicação antes da abertura do fórum geral (no 4.º dia do período de formação não presencial);
- propõe a data de fecho do debate e a data de início da elaboração do guião para que os participantes utilizem uma gestão estratégica do tempo total de duração do fórum (26 dias, por exemplo);
- inicia o debate convidando os participantes a pronunciarem-se criticamente sobre o exemplo de plano de sessão de ensino de português a falantes de outras línguas;
- incentiva a participação no início do debate, por exemplo através de perguntas sobre aspectos polémicos; sistematiza ideias-chave;
- propõe que os formandos seleccionem palavras ou ideias-chave do debate para facilitar a elaboração do guião.

Formandos

- pronunciam-se sobre aspectos do plano de sessão em análise ou respondem às perguntas do formador;
- dão contributos, cuja tipologia se encontra descrita na Ficha de Actividade 6.

Material

Um exemplo de plano de sessão (ver exemplo na Ficha de Actividade 6) de ensino de português a falantes de outras línguas nos níveis A1 e A2/CEFR; leituras obrigatórias: *O Português para Falantes de Outras Línguas*, I e II.

Tarefa 7

(em grupo) Sessão 4/Presencial; Sessão 6/Não presencial

Elaboração de enunciados de exercícios

Descrição

Os formandos ensaiam a elaboração de enunciados de exercícios (preenchimento de lacunas, sopas de letras, etc.).

- Componente de formação: componente presencial e componente não presencial (a distância).
- Justificação da tarefa: desenvolvimento das competências de criação e adaptação de materiais de aprendizagem.

Objectivos da tarefa e critérios de avaliação

1. Ensaiai a criação de materiais personalizados para os aprendentes de português.
2. Aperfeiçoar o uso de aplicações informáticas para a diversificação de materiais de aprendizagem.

Duração/prazo de entrega

Duas semanas após o início desta tarefa.

Metodologia

Exposição e orientações iniciais do formador; elaboração colaborativa em pequeno grupo.

O formador sublinha a questão mais importante: a concepção pedagógica dos exercícios (a quem se destinam, o conteúdo, para que servem, quando devem ser utilizados e como).

Destaca as vantagens da utilização da aplicação informática *Hot Potatoes*:

- ajuda a questionar os princípios de elaboração dos enunciados e o desenho dos exercícios;
- reduz o tempo dispendido pelo ensinante de português para diversificar actividades de aprendizagem e para editar materiais com boa aparência gráfica e disponíveis em vários tipos de suporte (papel, digital).

Material

Programa *Word*; aplicação informática *Hot Potatoes*.

Tarefa 8

(em grupo) Sessões 2 e 3/Não presenciais; Sessões 5 e 8/Presenciais

Planificação de uma sessão de ensino de português a falantes de outras línguas/Nível Utilizador Elementar

Descrição

A tarefa consiste numa proposta de plano de sessão para um público aprendente (fictício ou real) no Nível de Utilizador Elementar. É elaborada no fórum virtual do pequeno grupo, cuja duração é de 15 dias. Os membros do grupo utilizam o guião produzido no fórum geral e as leituras obrigatórias.

Estrutura do trabalho da Tarefa 8 «Plano de sessão»:

1. Introdução (com referências conceptuais gerais); 2. Caracterização do público-alvo (real ou fictício) e do contexto de aplicação; 3. Fundamentação da proposta de plano (referências conceptuais e metodológicas específicas); 4. Bibliografia consultada. Extensão do texto: entre 3 e 5 páginas, letra tipo Arial 10, espaço 1,5 entrelinhas.

- Formação mista: componente de formação presencial e componente de formação não presencial.
- Justificação da tarefa: ensaiar a operacionalização dos conceitos e procedimentos debatidos nas sessões presenciais e no fórum geral.

Objectivos da tarefa e critérios de avaliação

1. Operacionalizar, de forma coerente, uma planificação cuja utilização seja viável e adequada ao público aprendente.
2. Explicitar a intencionalidade formativa da proposta de planificação de maneira fundamentada nas leituras obrigatórias.

Duração/prazo de entrega

O trabalho deve ser enviado à plataforma virtual do curso até ao último dia do fórum de pequeno grupo; a apresentação decorre na última sessão presencial.

Metodologia

Formador

Na fase de apresentação da tarefa, na Sessão 5, presencial, orienta a constituição dos grupos com base em critérios a definir (ex.: proximidade geográfica do local de intervenção de alguns formandos-ensinantes). Dá indicações para que os elementos de cada grupo tomem a decisão de escolher o perfil dos destinatários (fictícios ou reais) do plano de ensino.

Na fase de desenvolvimento da Tarefa 8, apresenta as regras de participação no fórum de pequeno grupo (ver Ficha de Actividade 8) e ajuda o grupo através de um conjunto de recomendações e perguntas (ver Ficha de Actividade 8).

Material

Documentos de referência (ex.: *Referencial de Português para Falantes de Outras Línguas* (2008), exemplos de planificações para comentar no fórum virtual).



FICHAS DE ACTIVIDADE

As fichas apresentam as tarefas identificadas em cada subunidade temática e sessão de formação, de acordo com os planos de sessão. O número de ordem da tarefa indicada no plano de sessão corresponde ao número da tarefa. Por exemplo: a tarefa 5 corresponde à Ficha de Actividade 5.

Ficha de Actividade 0 (transversal) – Diário de actividade de ensino no Programa Portugal Acolhe

Sugestões para guiar as anotações no Diário:

- ▶ Procurar fazer registos diários, utilizando anotações breves se se dispõe de pouco tempo. As anotações, ainda que breves, poderão ser enriquecidas posteriormente e evitam que se percam aspectos relevantes para partilhar na formação.
- ▶ Utilizar uma linguagem que facilite a reutilização das anotações para diferentes fins, consoante o tipo de questões a que as expressões fazem alusão. Exemplos de expressões recomendadas: «Dei-me conta de que...»; «(Uma situação/um comportamento) chamou-me a atenção para...»; «Estou satisfeito/a com...»; «Estou preocupado/a (desanimado/a) com...»; «Senti que...»; «Mudei..., porque...»; «Tenho dúvidas sobre...»; «Agora já entendo (antes não entendia bem) como/por que...»; «Pareceu-me muito interessante... porque...»; «Eu gostaria de...».

Ficha de Actividade 1 (Sessão 1/Presencial) – Conceitos recorrentes da didáctica das línguas

- ▶ Conceitos recorrentes da didáctica das línguas: língua (não) materna, língua estrangeira, segunda língua; bilinguismo, centragem no aprendente.
- ▶ Utilizar formulações de definições adequadas e fundamentadas.

Material

Bibliografia seleccionada (*Dicionário de Termos Linguísticos*, QECR).

Ficha de Actividade 2 (Sessão 2/Presencial) – Auto-avaliação com base na Grelha de Auto-Avaliação (Passaporte de Línguas, Portefólio)

- ▶ Os formandos realizam a auto-avaliação do seu nível de domínio das línguas que conhecem, em cada uma das cinco áreas de competência, através do preenchimento individual de um exemplar da Grelha de Auto-Avaliação do Passaporte de Línguas (PEL).

Ficha de Actividade 3 (Sessão 1/Presencial) – Questões-chave do QECR

Questões-chave (exemplos) propostas pelo QECR:

- ▶ O que fazemos exactamente quando falamos ou escrevemos uns aos outros?
- ▶ O que nos permite agir assim?

- ▶ O que precisamos de saber a este respeito para tentarmos utilizar uma língua nova?
- ▶ Como definimos os nossos objectivos e avaliamos o nosso progresso entre a ignorância total e o domínio efectivo da língua estrangeira?
- ▶ Como se processa a aprendizagem da língua?
- ▶ Que podemos fazer para nos ajudarmos a nós próprios e aos outros a melhor aprendermos uma língua?



Ficha de Actividade 4 (em grupo) (Sessão 1/Presencial) – Diagnóstico de proficiência em português

- ▶ Material: textos de aprendentes de português (textos escritos autênticos não tratados e, sempre que possível, textos orais em gravações vídeo ou áudio) disponíveis na parte 4 – Documentos de Apoio. Descritores linguísticos do QECR; Português Segunda Língua (2001).



Ficha de Actividade 5 (Sessão 3/Não presencial; Sessão 4/Presencial) – Questionário Experiências Prévias de Ensino

Enunciado do Questionário: «Curso de Formação de Formadores de Português para Falantes de Outras Línguas – Utilizador Elementar (A2)»

O Questionário Experiências Prévias de Ensino é individual e será enviado por cada formando-ensinante ao espaço da comunidade virtual criado para o efeito. Além do autor das respostas, só os formadores terão acesso ao Questionário preenchido. A entrega do Questionário preenchido é considerada para efeitos de avaliação final.

As respostas contribuirão, ao longo da abordagem dos temas das subunidades de formação, para que:

- ▶ cada formando-ensinante disponha de relatos escritos exemplificativos das suas experiências prévias de ensino de português e possa reanalizá-las em qualquer momento do processo de formação;
- ▶ todos os participantes possam contrastar, de forma reflexiva, as suas experiências de ensino de português a falantes de outras línguas em Portugal.

Os procedimentos de resposta ao Questionário estão indicados em cada item.

QUESTÕES:

. Experiências de ensino

I. APRECIÇÃO DA SUA EXPERIÊNCIA DE FORMADOR QUE ENSINA PORTUGUÊS A ADULTOS FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS

Nos itens seguintes, exemplifique aspectos da sua experiência relativos a: materiais de ensino e conhecimentos de línguas que apresentavam os formandos com quem trabalhou no início do curso de português; características

do local onde decorreram os cursos; horários; características dos formandos; hábitos de trabalho; aprendizagens; relacionamento formador-formandos e entre os formandos; comunicação com os formandos; metodologias de ensino; resultados do processo de ensino e de aprendizagem; ideias que gostaria de pôr em prática.

Aspectos que lhe causaram satisfação (explique porquê).

Aspectos que lhe causaram/causam preocupações (explique porquê).

II. CARACTERIZAÇÃO DOS FORMANDOS

Preenchimento: Assinalar as suas escolhas com um X. Adicione informações relevantes.

. Língua/s falada/s em casa do formando

Romeno	Russo	Ucraniano	Crioulo de Cabo Verde
Nepalês	Hindi	Francês	Chinês/Mandarim
Paquistanês	Castelhano	Inglês	
Outras (indicar) _____			

- Outra(s) língua(s) conhecida(s) (língua estrangeira para o formando)

Inglês	Francês	Alemão	Romeno
Russo	Ucraniano		
Outras (indicar) _____			

. Processo de aprendizagem dos formandos do Programa Portugal Acolhe

1. Descreva os aspectos que lhe parecem mais relevantes na progressão dos seus formandos nas cinco áreas de competência linguística (Grelha para Auto-Avaliação, QECR – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas):

Compreensão oral

Leitura

Produção oral

Interacção oral

Escrita

III. CARACTERIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE PORTUGUÊS AOS FORMANDOS DO PROGRAMA PORTUGAL ACOLHE

(Justifique as suas respostas)

1. A que conteúdos programáticos dá prioridade no nível de iniciação?
 2. Descreva como procede para comunicar com os formandos nas duas primeiras sessões, quando ainda têm poucos ou nenhuns conhecimentos da língua-alvo.
 3. Descreva sucintamente os passos da sua apresentação de um novo tema aos formandos.
 4. Factores de sucesso e de insucesso da sua acção como formador de português.
- (Fim do enunciado do Questionário – Experiências Prévias de Ensino).



Ficha de Actividade 6 [Sessões 2 e 3/Não presencial] – Participação no fórum geral virtual sobre Planificação e Metodologias de Ensino de Português a Falantes de Outras Línguas/Nível de Utilizador Elementar

Texto de referência para a mensagem de abertura do fórum geral:

«Bem-vindos ao Fórum geral virtual!

O tema é Planificação e Metodologias de Ensino para Aprendentes de Português no Nível de Utilizador Elementar e está relacionado com algumas das competências docentes fundamentais.

A finalidade principal deste fórum é ensaiar a aplicação dos conceitos-chave do QECR e das orientações nacionais a situações concretas, o que influenciará positivamente o desenvolvimento das competências de planificação do ensino e da aprendizagem.

A influência positiva, por um lado, ocorre através de uma reflexão conjunta sobre a prática docente, apoiada pela discussão das leituras obrigatórias com a orientação dos formadores. Por outro lado, o facto de a comunicação ser escrita e assíncrona, estendendo-se ao longo de 26 dias, favorece a preparação de intervenções de qualidade e proporciona formas de aprofundar o tema que não seriam viáveis nas sessões presenciais.

A participação no fórum geral virtual – Tarefa 6 – conduzirá a um produto final de utilidade prática: um guião para orientar a Tarefa 8 (plano de sessão adequado ao público do Programa Portugal Acolhe).

Ao longo dos 26 dias de duração do fórum geral, os participantes darão diversos tipos de contributos ao debate, de acordo com as regras básicas de participação e de comunicação. Estas regras visam conduzir o debate de uma maneira que concilia a iniciativa individual, a manutenção do debate centrado nas questões relevantes e o estabelecimento de consensos entre os participantes relativamente ao guião.

O “pretexto” para a discussão é um exemplo de um plano de sessão que tem aspectos positivos, mas também tem insuficiências e inadequações pedagógicas. Certamente todos os participantes darão contributos para aperfeiçoar o plano em análise, pois todos têm experiência de ensino de português a falantes de outras línguas e todos participam nas actividades de formação sobre o enquadramento conceptual.

Espera-se que as conclusões expressem uma mais-valia, isto é, uma evolução positiva na sistematização dos referentes conceptuais e procedimentais da planificação do ensino da língua, com o apoio dos documentos disponíveis na comunidade virtual do curso.

Um debate muito animado e produtivo para todos! Os Formadores.»

Texto de referência para as regras de participação

A participação no debate está enquadrada num conjunto de regras específicas que permitem assegurar um debate útil para todos os participantes e a objectividade na avaliação da participação de cada formando.

Orientação pelo formador

- 1. Disponibiliza a informação sobre as regras antes da abertura do fórum.*
- 2. Dá orientações e faz perguntas que ajudam a focar o tema, redireccionando as intervenções sempre que se afastem do tema central.*
- 3. Faz perguntas para estimular a crítica do plano de sessão, para ajudar a contextualizar e a caracterizar os possíveis destinatários da planificação: «Se o grupo for muito heterogéneo relativamente a experiências*

prévias de aprendizagem de línguas, o que poderíamos adaptar ou acrescentar?»; «Que impacto poderá ter nos formandos a proposta para que ensinem o formador a escrever no sistema de escrita dos formandos?»; «Que poderia conter o plano para o caso de o formador ter de ajudar formandos que nunca leram um mapa?»

4. Clarifica e faz perguntas para ajudar a clarificar os conceitos-chave e formas de os utilizar.

5. Destaca aspectos de contributos individuais que ajudam a clarificar, ou ilustrar, a aplicação dos conceito-chave.

6. Assinala manifestações de discordância e incentiva um aprofundamento da argumentação e contra-argumentação para clarificar as concepções subjacentes.

7. Assinala manifestações de consenso úteis para a sistematização das ideias-chave.

Participação dos formandos (ensinantes de português)

1. Cada formando dará um contributo semanal (mínimo), sendo um contributo para o debate de conceitos, outro para a análise do plano de sessão e outro sobre o guião.

2. Cada formando dará um contributo (mínimo) ao estabelecimento do consenso sobre a versão final conjunta.

3. O guião terá um número mínimo de cinco e um número máximo de dez orientações indispensáveis à correcta elaboração de planos de sessões de ensino de português no Nível de Utilizador Elementar.

REGRAS DE COMUNICAÇÃO

1. Os contributos podem ser perguntas para esclarecimento prévio à elaboração de um comentário sobre o plano da sessão em análise, apresentação de dificuldades de aplicação de orientações, narrativas de experiências de formação (reutilizando, por exemplo, as respostas ao Questionário Experiências Prévias de Ensino ou anotações do Diário), sugestões de aperfeiçoamento, propostas para considerar outros aspectos.

2. A formulação escrita de cada contributo deve ser sucinta, deve explicitar claramente o aspecto(s) em foco.

3. Cada contributo deve estar fundamentado nas leituras recomendadas (documentos disponíveis na comunidade virtual do curso), mesmo quando se reporta à experiência profissional.

4. Utilizar preferencialmente uma linguagem descritiva, com informação sobre o contexto, antes de emitir juízos de valor ou fazer interpretações pessoais.

Exemplo de plano de sessão para comentar criticamente

SESSÃO 1 . Ensino de português a aprendentes falantes de outras línguas no âmbito do Programa Portugal Acolhe			
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	METODOLOGIA E ACTIVIDADES	MATERIAIS
<ul style="list-style-type: none"> – Cumprimentar pessoas com diferentes <i>status</i> social e profissional (colegas de trabalho, encarregado do pessoal...). – Dizer o nome; perguntar o nome. – Agradecer. <p>(Privilegiar as expressões usuais mais simples).</p>	<p>Apresentação pessoal: <i>O meu nome é...</i> <i>Olá, o meu nome é...</i> <i>Bom dia, eu sou...</i> <i>Qual é o teu/seu nome?</i> <i>O meu país é...</i></p> <p>Agradecimentos <i>Obrigada/o</i></p> <p>Formas de tratamento: <i>Sr.</i> <i>Dr./ Sr.ª Dr.º, Eng.º/Eng.ª</i> <i>O senhor, a senhora.</i></p>	<p>Formador/a</p> <p>Cumprimenta e mostra o seu nome escrito, dizendo-o em voz alta. Escreve o seu nome no cartão: – Propõe que os formandos o/a ensinem a escrever o seu nome no sistema de escrita da língua materna respectiva. – Tenta escrever o nome de cada participante na versão com o alfabeto português, depois de estar escrito na L1.</p> <p>Formandos</p> <p>– Escrevem o nome utilizando o sistema de escrita da sua L1. – Lêem (ou tentam ler) nomes de países, de cidades no mapa, em documentos.</p>	<p>Cartões para escrever o nome de cada participante.</p> <p>Vídeo temático (excerto extraído de programa de TV ou de filme). Gravação áudio.</p> <p>Cartões com as expressões mais usuais (ver «Conteúdos»).</p> <p><i>Mapa mundi</i>; mapa da Europa; mapa de Portugal.</p>
<ul style="list-style-type: none"> – Utilizar o nome dos números até 10 para compreender instruções no local de trabalho. 	<p>Numeração até 10 Apresentação pessoal: <i>Tenho (...) anos.</i></p> <p>Materiais de trabalho <i>Dá-me 5 pregos.</i></p>	<p>Formandos</p> <p>Escrevem o abecedário português, copiando e ordenando palavras pela inicial (a/ «Ana», b/ «batata», c/ «carro»...).</p>	<p>Modelo de abecedário português. Lista de palavras cujas iniciais cobrem o abecedário.</p>

Ficha de Actividade n.º 7 (Sessão 4/Presencial; Sessão 6/Não presencial) – Elaboração de enunciados de exercícios

Na sessão presencial os formandos iniciam, com a orientação do formador/a, a elaboração do enunciado de exercícios em *Word*.

Na sessão não presencial, os formandos enviam a proposta de enunciados de exercícios e, se possível, utilizam a aplicação *Hot Potatoes* para editar os exercícios.

Exemplos de tipos de exercícios: preenchimento de lacunas, sopa de letras, crucigramas, associação de imagens a palavras.

É necessário que cada proposta de enunciado seja acompanhada da indicação do grau de exigência e do tema(s) dos exercícios.



Ficha de Actividade n.º 8 (Sessões 2 e 3/Não presenciais; Sessões 5 e 8/Presenciais) – Planificação de uma sessão de ensino de português a falantes de outras línguas/Nível de Utilizador Elementar

Regras de participação no fórum virtual de pequeno grupo

Formador

- ▶ Apresenta as regras de participação no fórum de pequeno grupo e propõe calendário e periodicidade das suas intervenções de forma adequada às necessidades de apoio e de gestão do tempo dos formandos-ensinantes de português.
- ▶ Incentiva os formandos a recapitularem os princípios orientadores que fazem parte do guião elaborado no fórum geral.
- ▶ Propõe aos formandos que apresentem o plano de trabalho do grupo baseado numa decisão consensual e até uma data determinada.
- ▶ Faz perguntas relacionadas com o modelo de estrutura do plano de sessão e com as características dos destinatários, com a finalidade de que os membros do grupo definam e explicitem as intenções formativas e a fundamentação pedagógica da respectiva proposta de plano.
- ▶ Faz perguntas sobre as fontes bibliográficas seleccionadas pelos membros do grupo.
- ▶ Pergunta aos membros do grupo que dificuldades estão eventualmente a identificar e que soluções estão a encarar; que aspectos parecem estar bem resolvidos.
- ▶ Quatro dias antes do encerramento do fórum, dá indicações para que o grupo controle a qualidade da proposta mediante a verificação baseada em critérios (com a ajuda do guião e de eventuais contributos adicionais).

Formandos (em comunicação escrita assíncrona no fórum de pequeno grupo)

- ▶ Tomam decisões sobre formas de se organizarem: lista de tarefas, quem fará que tipo de tarefa/s, quando, como gerir o rascunho do plano de sessão para que possa ir integrando os contributos para aperfeiçoamento. Uma vez tomada a decisão, registam-na, fundamentam-na e enviam ao fórum com a designação Plano de Trabalho do Grupo 1 (... 2, 3).
- ▶ Debatem e seleccionam os conteúdos de cada componente do modelo do plano de sessão.
- ▶ Definem critérios para a versão final da proposta de plano de sessão de ensino de português.
- ▶ Todos os membros do grupo fazem a revisão e comunicam aos restantes membros o seu parecer (motivos de concordância e de discordância, sugestões fundamentadas).
- ▶ O representante designado pelo grupo envia a versão final ao espaço da comunidade específico para receber o trabalho.

As regras de comunicação são idênticas às do fórum geral (Tarefa 6).

O modelo de apresentação dos planos das sessões é o modelo adoptado pelo IEFP, e utilizado no exemplo em análise no fórum geral (Tarefa 6).

Exemplo:

Sessão 1			
OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	METODOLOGIA E ACTIVIDADES	MATERIAIS
<ul style="list-style-type: none"> – Cumprimentar pessoas com <i>status</i> social e profissional diferente (colegas de trabalho, encarregado do pessoal...). – Dizer o nome; perguntar o nome. – Agradecer. 	<p>Apresentação pessoal:</p> <p><i>O meu nome é...</i> <i>Olá, o meu nome é...</i> <i>Bom dia, eu sou...</i> <i>Qual é o teu/seu nome, Sr./Sr.ª?</i></p> <p><i>O meu país é...</i></p> <p><i>Obrigada/o</i></p>	<p>Formador/a Cumprimenta Escreve:</p> <ul style="list-style-type: none"> – o seu nome no cartão; – tenta escrever o nome de cada participante na versão com o alfabeto português, depois de estar escrito na L1. <p>Formandos Escrevem o nome na L1.</p>	<p>Cartões para escrever o nome de cada participante.</p> <p>Video temático (excerto extraído de programa de TV ou de filme). Gravação áudio.</p>
<ul style="list-style-type: none"> – Interpretar a numeração (ouvir e compreender). – Dizer o nome dos números. – Utilizar o nome dos números em contexto para contar objectos e pessoas presentes (visíveis). – Utilizar o nome dos números noutros contextos. 	<p>Numeração até 10.</p> <p>Apresentação pessoal: <i>Tenho 28 anos.</i></p> <p>Materiais de trabalho <i>Dá-me 5 pregos.</i></p>	<p>Utilizar o nome dos números até 10 para:</p> <ul style="list-style-type: none"> – compreender instruções no local de trabalho; – contar objectos no espaço de formação. 	<p>Lista do nome dos números.</p> <p>Lista do vocabulário relacionado com os exemplos da numeração (<i>prego/s; ano/s; nomes de objectos presentes; verbo dar, ter</i>).</p>



DOCUMENTOS DE APOIO

DOCUMENTOS DE APOIO I 54

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

1. Ensino e aprendizagem na fase de iniciação – Particularidades	54
2. Metodologia de abordagem do texto	54
3. Erro – a importância do erro na aprendizagem	59
4. O ensino intercultural das línguas	60
5. Abordagem comparada das línguas e culturas	60
6. O uso do <i>Portefólio Europeu de Línguas</i>	62
7. Recursos pedagógicos	63

DOCUMENTOS DE APOIO II 66

DOCUMENTOS DE APOIO III 78

DOCUMENTOS DE APOIO IV 82



DOCUMENTOS DE APOIO I

1 ENSINO E APRENDIZAGEM NA FASE DE INICIAÇÃO – –PARTICULARIDADES

Ao tentar atribuir sentido ao que ouve e lê, o utilizador elementar (Níveis A1 e A2) formula hipóteses de interpretação socorrendo-se dos conhecimentos prévios e das pistas contextuais (tipo de actividade, acções dos interlocutores, vários recursos semióticos). Este esforço nem sempre proporciona interpretações correctas, o que pode gerar mal-entendidos na comunicação, conflitos interculturais ou o uso de expressões menos correctas, resultantes da imitação de expressões que ouve e que toma como adequadas.

O formando-aprendente pode transferir para a nova língua o sistema de significados que já possui na sua língua materna/L1. Uma língua estrangeira/LE facilita o domínio das formas mais elevadas da L1. Na fase de iniciação, o formando-aprendente aprende a ver a sua L1 como um sistema específico entre muitos, a conceber os seus fenómenos à luz de categorias mais gerais, e isso leva à consciência das suas operações linguísticas (Vygotsky: 1934; 1993, *Pensamento e Linguagem*).

O utilizador elementar pode desempenhar também o papel de ensinante ou de mediador linguístico e cultural, além do papel de aprendente. Os aprendentes de português (formandos) – e os próprios ensinantes formadores – podem, em algumas situações, desempenhar papéis complementares, isto é, de ensinante e de aprendente, quando mobilizam as suas competências de comunicação numa língua veicular para facilitar a intercompreensão através da construção conjunta de significados com o auxílio das línguas representadas e partilhadas no grupo de formação.

É especialmente importante que, no nível de iniciação, o ensinante valorize os contributos de todos os aprendentes e crie um clima colaborativo e de receptividade às línguas e aos falantes dessas línguas. Isto constitui também uma forma de reforçar a autoconfiança, numa fase – de iniciação – em que os aprendentes manifestam constrangimento por não dominarem a língua-alvo.

2 METODOLOGIA DE ABORDAGEM DO TEXTO

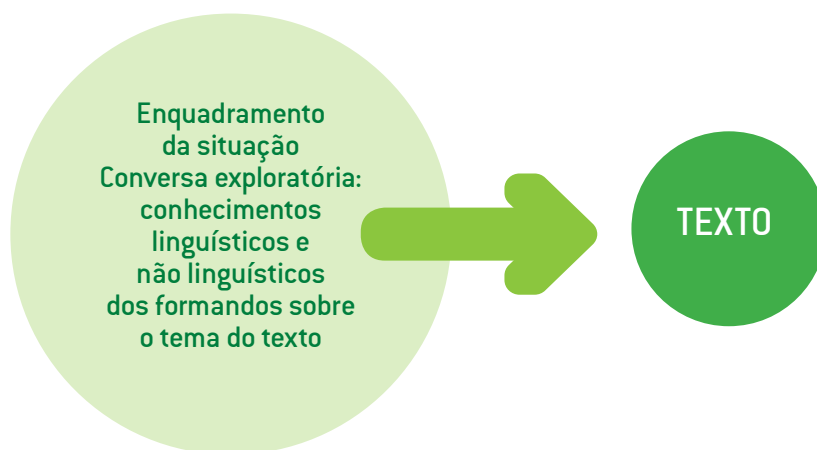
A utilização de textos está baseada numa orientação metodológica centrada no aprendente da língua, na activação dos seus conhecimentos prévios e na valorização de toda e qualquer forma de participação desde o início da actividade. Esta perspectiva supõe princípios metodológicos próprios e uma sequência diferente da metodologia que se centra no texto e no saber do formador.

Na presente proposta metodológica, a abordagem ao texto segue uma sequência – descrita em pormenor por Fischer *et al.* (2001) – constituída por três fases. Após a apresentação do modelo de abordagem do texto, apresentam-se exemplos de possíveis aplicações em função das necessidades e dos níveis de domínio da língua portuguesa num determinado grupo de formandos.

L2 . Metodologia de abordagem ao texto

[adaptado de Fisher *et al.*: 2001]

Fase 1 Trabalho antes do texto. Preparação da comunicação



Esta fase permite...

... ao formador-ensinante: fazer o diagnóstico dos conhecimentos linguísticos e não linguísticos dos formandos, das suas atitudes face ao tema e à participação no grupo; facilitar a compreensão prévia de vocábulos do texto ou relacionados como texto; mediar a atribuição de sentido quando há diferenças semânticas associadas ao uso em distintos contextos culturais; estimular a elaboração de conceitos desconhecidos para alguns dos formandos, através da construção conjunta de significados com os colegas, mediada pelo formador. O formador poderá ter de fazer uma renúncia estratégica – isto é, valorizar um contributo que não está relacionado com o tema do texto, para conseguir motivar o formando, estabelecer a intersubjectividade necessária para guiar o formando na construção de significados adequados e atribuição de sentido aos conceitos e às palavras que os designam.

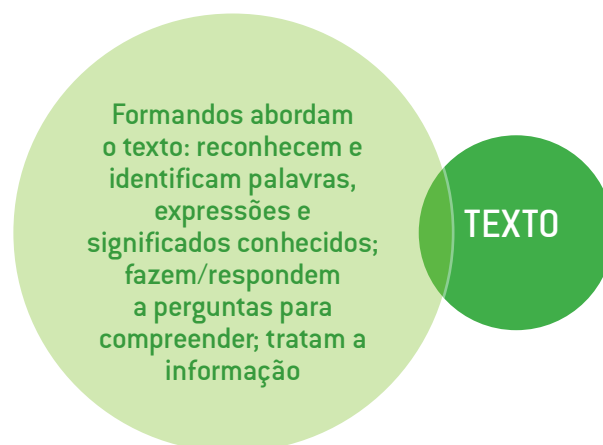
... ao formando aprendiz (texto: *Contrato de Trabalho*) reconhecer ou ler palavras (nome, passaporte, contrato, dinheiro, trabalho).

Exemplos de formas de activação dos conhecimentos prévios: (texto: *Contrato de Trabalho*)

L2 . Metodologia de abordagem ao texto

[adaptado de Fisher *et al.*: 2001]

Fase 2 Trabalho com o texto. Desenvolvimento do processo de comunicação



L2 . Metodologia de abordagem ao texto

[adaptado de Fisher *et al.*: 2001]

Fase 3 Trabalho após a compreensão do texto. Estruturação da comunicação



Exemplos de aplicação

Os exemplos de aplicação do modelo referencial de abordagem do texto são apresentados em função das necessidades de aprendizagem de vocabulário temático (objectivos funcionais do formando), da avaliação diagnóstica dos conhecimentos de língua portuguesa, do contexto, dos níveis de domínio da língua portuguesa e conhecimentos linguísticos e culturais existentes num grupo.

Exemplo – Abordagem didáctica flexível do texto *Contrato de Trabalho* Texto: modelo de contrato de trabalho (IEFP)

a) Necessidades dos formandos:

sete formandos necessitam de familiarizar-se com os termos do contrato de trabalho a termo certo para se prepararem para assinarem o seu próprio contrato.

b) Avaliação diagnóstica dos conhecimentos de língua portuguesa

Neste subgrupo:

- dois formandos já tinham assinado um contrato de trabalho em Portugal, mas sem preparação prévia da sua interpretação; conheciam mais de dez vocábulos sobre o tema (ex.: *contrato, trabalho, trabalhador, patrão, advogado, lei, paga*; expressões como *paga mais, paga pouco, muitas horas, ter papéis*);
- quatro formandos nunca tinham visto nem assinado um contrato de trabalho em português, mas já tinham assinado um contrato em outra língua, na qual conheciam alguns vocábulos sobre o tema (*trabajo, recoger, fresas e pago* (castelhano); *work, building e boss* (inglês); conheciam quatro vocábulos em português (*contrato, trabalho, patrão, paga*);
- um formando nunca tinha visto nem assinado um contrato de trabalho em português. Conhecia os vocábulos em português (*trabalho e passaporte*).

c) Contexto

Uma cidade do Alentejo, numa zona com indústria e agricultura. Curso de língua portuguesa organizado por uma associação local.

d) Níveis de domínio da língua portuguesa.

Cinco formandos encontravam-se no nível A1/CEFR e os outros dois no nível A2/CEFR.

e) Conhecimentos linguísticos e culturais

Alguns formandos conheciam o mesmo termo em duas ou três línguas diferentes (a língua materna, como o russo, uma segunda língua, como o ucraniano, e uma língua estrangeira, como o castelhano ou o inglês) e tinham tido experiências prévias de trabalho noutro país estrangeiro antes de chegarem a Portugal; conheciam vocábulos em outras línguas, mas desconheciam a tradução para português. Um formando tinha chegado há poucas semanas a Portugal e preparava-se para a sua primeira experiência de trabalho fora do seu país, a Ucrânia. Os formandos tinham pouca ou nenhuma informação sobre a Lei do Trabalho e tipos de contrato em vigor em Portugal.

Níveis de escolaridade representados no grupo: licenciatura em Desporto (1 formando); licenciatura em Química (1 formando); 12.º ano (3 formandos); 4.º ano de escolaridade (2 formandos).

Objectivo geral:

Fazer a leitura funcional do modelo de contrato de trabalho a termo certo.

Apresentam-se, no âmbito do objectivo geral, exemplos de objectivos de aprendizagem de português específicos sobre o tema *Contrato de Trabalho*.

Objectivos funcionais (exemplos):

1. Apreender o sentido geral do texto do *Contrato*.
2. Ler palavras-chave do *Contrato*.
3. Identificar palavras relacionadas com informação relevante para tomar a decisão de assinar (ou não), como direitos e deveres pessoais e direitos e deveres do patrão.
4. Dar informações específicas para preencher os espaços em branco para o 2.º *Outorgante*.

Adaptação dos objectivos funcionais

A adaptação dos objectivos deve ser baseada num processo flexível de ajuste gradual ao que cada formando necessita de aprender. Consideram-se as aprendizagens:

- **linguísticas:** aprender as primeiras palavras sobre o tema ou ampliar o vocabulário incipiente que já tinha;
- **conceptuais:** os formandos necessitam de adquirir informação e estruturar conceitos sobre, por exemplo, especificidades da *Lei do Trabalho em Portugal* (*contrato a termo certo, outorgante, transferência bancária*); sobre o tipo de exigências laborais associadas à área de trabalho (tarefas que vão realizar, hábitos locais, tradições na confecção de alimentos).

Os exemplos seguintes ilustram possíveis formas de adaptação personalizada de cada objectivo de aprendizagem, através de especificidades mais significativas para cada formando.

1. Apreender o sentido geral do texto do Contrato.
 - 1.1. Identificar o título «Contrato de trabalho»/ identificar «Contrato».
 - 1.2. Apreender o sentido geral do texto de cada cláusula.
2. Ler em voz alta palavras-chave (em número variável, a definir progressivamente com cada formando).
 - 2.1. Reconhecer X palavras (p. ex.: 2.º *Outorgante, data, nome, passaporte, retribuição, contribuinte...*) [O formando não lê, por enquanto, mas pode reconhecer globalmente algumas palavras, o que representa uma exigência mais simples mas que é útil].
 - 2.2. Ler expressões curtas (... *com a categoria profissional de...; respectivo subsídio de alimentação; O presente contrato de trabalho tem início em...*)
3. Identificar informação relevante do contrato para antecipar consequências de assinar, como...
 - 3.1. ... *categoria profissional, horário, retribuição, forma de pagamento, subsídio de alimentação, transporte, férias, segurança social.*
 - 3.2. ... *local da prestação de trabalho.*
4. Pedir informações específicas para se informar sobre...
 - 4.1. ... *compra (ou não) de farda.*
 - 4.2. ... *uso de equipamento de protecção obrigatório.*
 - 4.3. ... *utilização de máquinas específicas.*
 - 4.4. ... *se, na cantina, pode comer alimentos alternativos à carne de porco/ou outros.*
 - 4.5. ... *quantos pratos tem de servir (empregada de cantina).*
 - 4.6. ... *pormenores sobre lar de idosos (quantas pessoas, cuidados de higiene).*

3 ERRO – A IMPORTÂNCIA DO ERRO NA APRENDIZAGEM

É fundamental, no quadro metodológico proposto, ajudar os formandos a construir uma concepção do erro – erro de articulação dos sons da língua portuguesa, erro gramatical, erro semântico – como inerente à aprendizagem e útil para melhorar a compreensão do funcionamento da língua.

O papel do formador é diagnosticar as necessidades do formando a partir da análise do erro e ajustar a ajuda na correcção em função da fase em que o formando se encontra. Se o formando está numa fase incipiente, a prioridade do formador será incutir-lhe confiança para que aceite comunicar e não se iniba de falar e exercitar o uso das expressões que aprendeu. Nesta fase o formador poderá reformular pausadamente o que o formando disse, isto é, modelando o uso de determinadas expressões (v. exemplo nas *Narrativas de Formação*, que ilustram a aplicação deste princípio).

O formando usa as expressões de maneira funcional sem saber, provavelmente, qual das palavras é o verbo ou o complemento directo. Baseia-se apenas num conhecimento implícito. Em geral, a correcção do erro num momento não tem efeitos para além desse momento. O formando necessitará de nova correcção até encontrar o sentido da correcção num determinado contexto de uso, compreender a regra ou a adaptação de um enunciado que aprendeu e desenvolver a auto-regulação do erro. Esta necessidade ocorre, por exemplo, quando o formando generaliza, para outra situação, o uso de um enunciado que aprendeu numa situação específica.

O formador terá também de regular as suas expectativas sobre o ritmo de superação do erro para que a aprendizagem tenha mais alcance em termos de autonomia e autocontrolo da aprendizagem. A regulação da ansiedade do formador/a acerca da continuação do erro evitará que pressione o formando, que *queime etapas* e que não lhe dê tempo para atribuir sentido à correcção (o formando limitar-se-ia a repetir a correcção para corresponder à expectativa do formador mas sem ter aprendido realmente, no sentido de dominar a compreensão).

À medida que vai aprendendo a falar português com os colegas de trabalho e com as pessoas que contacta na comunidade, o formando vai progredindo no uso da língua para comunicar de forma simples em situações de comunicação nos contextos reais da sua vida. No entanto, estas experiências de aprendizagem nem sempre proporcionam um padrão aceitável de português, requerem o complemento que só o formador poderá dar ao orientar a reflexão do formando sobre as formas correctas do uso social da língua.

Com esta orientação, o formando vai aumentando gradualmente o conhecimento explícito de algumas regras e vai contrastando as diferentes formas de uso da língua, o que lhe permite fazer um uso estratégico dos seus conhecimentos (selecciona cada vez mais adequadamente as expressões linguísticas para comunicar com determinadas pessoas em determinados contextos).

Encontram-se diferenças, por vezes acentuadas, no ritmo de progressão e no tipo de pedidos que os formandos fazem ao formador. Os formandos familiarizados com a aprendizagem de línguas não maternas tendem a solicitar mais informação sobre a gramática e a literatura portuguesa desde o módulo de iniciação. Outros formandos necessitam de muito tempo para encontrarem uma forma de organização pessoal e uma metodologia de estudo de português que lhes dê segurança antes de estarem motivados para aprender conteúdos da gramática.

Os materiais propostos (textos, fotografias...) visam suscitar o interesse, a receptividade, a reacção e a iniciativa dos formandos sob a forma de comunicação verbal, oral e escrita, e eventualmente outras formas de comunicação.

A metodologia de tarefa supõe um produto final da actividade em torno de um material e o tema associado. Este produto final pode ser uma curta descrição, legendas de fotografias, perguntas orais ou escritas, etc.

4 O ENSINO INTERCULTURAL DAS LÍNGUAS

Ao sublinhar que o aprendente se torna «plurilingue e desenvolve a interculturalidade» e que as suas «competências linguísticas e culturais respeitantes a uma língua são alteradas pelo conhecimento de outra e contribuem para uma consciencialização e uma competência de realização interculturais», o QECR (2001: 73) chama a atenção para que a aprendizagem de uma nova língua não consiste na simples adição de nova informação linguística. De facto, o aprendente, ao contactar com a nova língua no espaço de formação e nos espaços de vida diária, mobiliza inevitavelmente os conhecimentos de outras línguas e as experiências culturais anteriores (em situação formal escolar e em situações de aprendizagem informal).

A dimensão intercultural da prática do ensino alicerça-se, como descreve Díaz-Aguado (2000), num modelo multidimensional que contém a dimensão cognitiva – que inclui o ensino de competências de categorização e o desenvolvimento do pensamento reflexivo e da descentração (colocar-se no ponto de vista do outro) –, a dimensão afectiva (relativa a atitudes) e a dimensão comportamental-relacional.

Como exemplos ilustrativos desta abordagem metodológica, a simulação de situações, a entrevista e o *role play* contribuem para desenvolver a capacidade de se colocar no ponto de vista de outros, as competências de comunicação e de relacionamento social (Correia: 2005).

5 ABORDAGEM COMPARADA DAS LÍNGUAS E CULTURAS

O ensinante que valoriza os conhecimentos dos formandos sobre as línguas desperta, explicita e intencionalmente, o interesse pela aprendizagem comparada das línguas e desencadeia a reflexão metalinguística, tão necessária ao desenvolvimento das capacidades de autoregulação da aprendizagem e do uso das línguas.

Por um lado, a valorização das línguas da mesma família linguística do português (línguas românicas) favorece o reconhecimento de características comuns e da consequente vantagem para o aprendente que pode progredir com maior rapidez no domínio lexical. O aumento rápido do vocabulário proporciona ao utilizador elementar mais motivação e possibilidades de uso da língua portuguesa para comunicar em situações diversificadas.

Por outro lado, a valorização das línguas de uma família linguística diferente cria uma intersubjectividade favorável à curiosidade e à aceitação activa das línguas menos conhecidas representadas no grupo. Por exemplo, ao pedir informação sobre como se escreve no sistema de escrita da língua chinesa (mandarim, língua materna de alguns aprendentes) e aplicar o que aprendeu, o formador está a oferecer um modelo muito positivo de comportamento intercultural e de valorização de todas as línguas, bem como das pessoas que as utilizam.

No entanto, por vezes este comportamento do ensinante também pode causar surpresa e reserva devido à ausência de experiências anteriores deste tipo. Alguns formandos poderão ficar perplexos, pois a representação estereotipada que têm do ensinante – aquele/a que sabe tudo – «colide» com o comportamento *aprender com os formandos*. O formador tomará em conta estas situações e o tempo que é necessário para conseguir estabelecer um relacionamento de confiança mútua.

As propostas metodológicas descritas no Capítulo 6 visam apoiar os ensinantes de português a construírem um ambiente que suscite o desejo de comunicar e apoie os formandos na busca de significado e atribuição de sentido às aprendizagens indispensáveis para a sua inserção na comunidade onde residem, no quadro da legislação em vigor em Portugal como país de acolhimento.

A fase de iniciação a uma língua desconhecida cuja aprendizagem é exigida (Nível A1/A2, QECR) como condição para regularizar a permanência no país de acolhimento tem características e conteúdos prioritários que variam pouco. Os temas tendem a ser *apresentação pessoal, cumprimentar, família, trabalho, pedir e dar informação, as rotinas da vida diária, transportes e saúde*, entre outros). No entanto, a diversidade de experiências de vida e de aprendizagens anteriores e as habilitações escolares, a diversidade de línguas e de sistemas de escrita e as particularidades da situação individual estão na origem de uma acentuada heterogeneidade dos grupos de formandos quanto às condições iniciais e quanto às expectativas sobre o curso e o tipo de benefícios que pode proporcionar.

A diversidade está associada não só aos diferentes conhecimentos linguísticos, mas também a diversos processos de ensino e de aprendizagem, a diversos padrões de relacionamento entre formandos e entre formador e formandos. A construção e a regulação conjunta das actividades, pelo formador e pelos formandos, requerem uma negociação dos objectivos da aprendizagem da língua-alvo num projecto individual. Este projecto deve conciliar o mais possível os objectivos significativos para cada formando e as prioridades impostas pelo meio laboral, relativamente aos conteúdos linguísticos e não linguísticos (como aspectos da relação sociolaboral).

As mudanças nos objectivos são previsíveis pois os formandos, além de estarem influenciados pelas experiências de aprendizagem anteriores (com uma cultura escolar e metodologias de ensino diferentes), também vão sendo influenciados, ao longo do curso, pelas experiências recentes no contexto sociolaboral português em que se encontram. Estas experiências de convivência, de exposição a diferentes formas de comunicação em português (variedades regionais, domínio profissional; modalidade oral e escrita) vão suscitando a necessidade de aprendizagens mais dirigidas ao desenvolvimento da autonomia nessas situações (vocabulário sobre um tema específico não previsto inicialmente, por exemplo).

Por outro lado, os formandos vão adquirindo um melhor conhecimento de si próprios como aprendentes de português (atenção, compreensão, memória, fala...). À medida que elevam o seu nível de consciência metalinguística, reconhecem as suas necessidades e preferências de aprendizagem. Os formandos com menos hábitos de estudo de

uma língua poderão necessitar de mais tempo e ajuste da ajuda do formador para adquirirem progressivamente uma representação mais clara das tarefas do curso e uma consciência mais elevada das suas necessidades de melhoria da organização pessoal e do estudo.

Os aprendentes da língua não familiarizados com estas orientações metodológicas iniciam o curso com expectativas geradas pelas metodologias que assentam exclusivamente no saber transmitido pelo professor. Necessitam de algum tempo para reconhecerem que eles próprios têm saberes, linguísticos e das suas experiências de vida em culturas diferentes, que são úteis para a aprendizagem do grupo.

6 O USO DO *PORTEFÓLIO EUROPEU DE LÍNGUAS*

O uso do *Portefólio Europeu de Línguas* depende, em parte, da disponibilidade da versão oficial portuguesa actualizada para adultos. Por outra parte, os formadores-ensinantes e os aprendentes com quem trabalham beneficiarão, com as devidas adaptações, do uso de versões não actualizadas (ainda que aprovadas anteriormente para jovens maiores de 15 anos e adultos).

Do ponto de vista pedagógico, o *Portefólio Europeu de Línguas* e o QECR são inseparáveis¹¹, sendo o primeiro para uso exclusivo do aprendente. O segundo, o QECR, é um guia orientador da planificação do ensino, da aprendizagem e da avaliação da aprendizagem das línguas não maternas. No entanto, tal como outros instrumentos de trabalho pedagógico, não garantem, por si mesmos, o sucesso do processo de ensino e aprendizagem da língua[s].

O Dossier deste *Portefólio* foi concebido e deve ser utilizado pelo aprendente para:

- fazer registos ao longo do processo de aprendizagem;
- guardar documentos da sua autoria, que seleccionou e que evidenciam aprendizagens significativas, numa perspectiva de auto-avaliação formativa e de afirmação do seu projecto de formação, da identidade e dos interesses próprios (Correia: 2005).

Os benefícios do uso do *Portefólio Europeu de Línguas*, ainda que em versão não actualizada, decorrem do seu excelente potencial para o aprofundamento da reflexão sobre o processo de ensino e de aprendizagem, condição fundamental para a autonomia do formando-aprendente de português e para o desenvolvimento das competências profissionais do formador-ensinante.

¹¹ *Les outils du Conseil de l'Europe em Classe de Langue*. Paris: Les éditions Didier/Conseil de l'Europe [2006: 3]. http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Goulier_Outils_EN.pdf

7 RECURSOS PEDAGÓGICOS

No conjunto dos principais recursos pedagógicos e didácticos destacam-se as informações que as experiências de interacção proporcionam. Estas informações, no caso dos aprendentes, referem-se:

- a) às formas de comunicar em determinadas actividades sobre conteúdos e com interlocutores específicos e para fins concretos, de natureza pragmática, que lhes permitem resolver rapidamente situações-problema simples de comunicação através da imitação (ainda que temporariamente sem o conhecimento explícito das expressões cujo uso imitam);
- b) a experiências vividas por cada aprendente em situações na comunidade que desencadeiam reacções, suscitam a necessidade de melhorar a compreensão oral e escrita, por um lado, estimulam iniciativas para procurar informação linguística e sociolinguística que ajude a superar as limitações no domínio da língua-alvo.

As informações, no caso dos ensinantes, referem-se:

- a) Aos conhecimentos prévios que os aprendentes evidenciam sobre outras línguas, sobre temas ou aspectos de natureza cultural. Estes conhecimentos podem ser activados pelo ensinante para promover a participação dos aprendentes em todo o tipo de actividades.
- b) Aos aspectos socioculturais que desconhecem, ou que conhecem mal, mas que podem ajudar a caracterizar melhor as necessidades de aprendizagem.

Nas abordagens *plurais das línguas e culturas*, as abordagens didácticas proporcionam actividades de ensino-aprendizagem que implicam diferentes variedades linguísticas e culturais. Por exemplo, o ensinante poderá contrastar vocábulos diferentes em distintos lugares de Portugal mas que designam o mesmo objecto. A este tipo de abordagem didáctica opõe-se uma abordagem *singular* cujo único foco é uma língua ou uma cultura. Poder-se-á perguntar: «Para quê complicar a vida dos formandos-aprendentes, se o que eles pretendem é fazer as aprendizagens básicas para poderem legalizar a sua situação?» A resposta, na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida e da promoção do plurilinguismo, poderá ser: os formandos beneficiarão sempre ao desenvolverem as suas capacidades de reflectir sobre a aprendizagem das línguas e o seu uso. De facto, contrastando, elaborando glossários multilingues, por exemplo, aprendem não só a língua-alvo – o português, no caso presente – mas também aprendem a aprender línguas, o que representa uma mais-valia no plano do investimento individual e também no plano do investimento institucional porque significa rendibilizar os recursos investidos.

A tradução pode ser o início da reflexão comparativa das línguas e a tomada de consciência de particularidades de natureza cultural. A intercompreensão das línguas da mesma família¹² e a didáctica integrada das línguas pressupõem um trabalho em paralelo sobre línguas da mesma família (por exemplo, o romeno, o italiano, o francês, o castelhano) que estão representadas no grupo de aprendentes de portugueses. A língua-alvo não deixa de ser o português, mas o formador/a aproveitará todas as oportunidades possíveis para despertar ou aprofundar a atenção e o interesse dos aprendentes pela reflexão comparada entre línguas e para a consciencialização das vantagens em termos de maior facilidade de compreensão e de consequente rendibilização do processo de aprendizagem.

¹² *Éveil aux Langues*. (<http://www.ecml.at>)

Esta é a perspectiva da educação para o plurilinguismo, como o *Guia* para a elaboração das *políticas linguísticas educativas na Europa*, associada explicitamente à educação para a cidadania democrática. As actividades pedagógicas devem «favorecer a percepção e o reconhecimento da igualdade em dignidade de todas as variedades linguísticas que fazem parte do repertório dos indivíduos e grupos, qualquer que seja o seu estatuto na comunidade» (Guia, p. 42, in Candelier et al.: 2008, p. 9). Trata-se de pôr de parte uma visão «compartimentada» das competências linguísticas e tirar partido das vantagens da presença de várias línguas no grupo, da pertença de algumas dessas línguas a uma mesma família linguística, para cultivar a intercompreensão sistematicamente, sem prejuízo da sistematização das aprendizagens da língua portuguesa.

Uso formativo das TIC e da Internet

A utilização de recursos informáticos permite produzir uma maior diversidade de propostas de tarefas que podem motivar e dar mais oportunidades de treino além das sessões presenciais. Para potencializar os resultados da aprendizagem, a prioridade do formador de português é definir claramente o que pretende avaliar¹³.

Os materiais propostos (textos, fotografias...) visam suscitar o interesse, a receptividade, a reacção e a iniciativa dos formandos sob a forma de comunicação verbal, oral e escrita, e eventualmente outras formas de comunicação.

A metodologia de tarefa supõe um produto final da actividade em torno de um material e de um tema. Este produto final pode ser uma curta descrição, legendas de fotografias, perguntas orais ou escritas, etc. Recomenda-se a consulta Sugestões de Actividades e Exercícios de *O Utilizador Elementar no País de Acolhimento*.

¹³ Aconselha-se a consulta do QECR (Cap. 9 — Avaliação) e os descritores de competências do Utilizador Elementar em *O Português para Falantes de Outras Línguas*

Para a utilização dos textos vejam-se as *Fichas de tarefas*, como ilustra o exemplo do quadro seguinte.

Competências	Gramática	Áreas Lexicais	Exemplos de Realizações Linguísticas	Textos
<ul style="list-style-type: none"> . Identificar o alfabeto* . Soletrar . Distinguir maiúsculas e minúsculas . Apresentar-se . Apresentar os outros . Cumprimentar . Dar e pedir informações de carácter pessoal e profissional . Preencher formulários . Localizar no espaço . Localizar no tempo . Descrever pessoas e lugares 	<ul style="list-style-type: none"> . pronomes pessoais . formas de tratamento . ser/ser de/ser em . ser + adjectivo . estar em . ter . Presente do Indicativo dos verbos regulares em –ar [chamar-se, morar, falar, trabalhar, ficar, estudar] . afirmativas/negativas/interrogativas . masculino/feminino . singular/plural . artigos definidos . preposições (e contracções): em; de . Interrogativos: Onde?; De onde; Quando?; Quem?; Qual?; Como?; Porquê?; Quantos? . locuções de lugar: em frente de; ao lado de... . o meu/a minha . o teu/a tua . o seu/a sua . este(s)/esta(s) 	<ul style="list-style-type: none"> . países e cidades . nacionalidades . línguas . moradas . n.ºs de telefone . estado civil . data de nascimento . idade . sexo . habilitações . formulários/visto/cartões . formas de tratamento . descrição física . a família . a casa . a cidade . numerais cardinais . os dias da semana . os meses . datas 	<ul style="list-style-type: none"> . Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite/ Até amanhã . Como se escreve? . Sou o/a... . Chamo-me... . Sou de... . Como se chama...? . o senhor; a senhora; você; o/a + nome; tu . Este/esta é o/a... . Como está(s)? /está...? . Sou ucraniano/a. . Sou de Kiev. . De onde é? . Kiev é na Ucrânia. . Onde fica...? . Falo russo. . Sou casada/o. . Tenho... filhos. . Tenho... anos. . Quantos anos tem? . Sou jardineiro. . Qual é a sua nacionalidade/ profissão? . Moro em/na rua... . A minha casa fica em... tem... quartos. . A minha filha é loura. . A minha família mora em... . Queria... 	<ul style="list-style-type: none"> . Mapa . Cartões de identificação pessoal . Visto . Planta de uma casa . Fotos



DOCUMENTOS DE APOIO II

FORMAÇÃO - NARRATIVAS DE VIDA

Exemplo A

1 . Contexto

Viana do Alentejo, sala de aula da EB. 2,3 Dr. Isidoro de Sousa.

Curso promovido pelo Centro de Formação Profissional de Évora, no âmbito do Programa Portugal Acolhe e desenvolvido em horário pós-laboral.

2 . Duração

O curso de língua portuguesa teve lugar em 2003 e desenvolvia-se em sessões de duas horas e trinta minutos, num total de 50 horas.

3 . Formandos

Oficialmente os formandos eram 20, no entanto ao longo das primeiras sessões foram chegando vários «formandos» que pediam para assistir às aulas apesar de não estarem inscritos (por não terem vaga). Assim, a sala de aula estava repleta de formandos muito atentos e colaborantes.

As habilitações escolares e profissionais eram muito variadas e as idades abrangiam um leque entre os 30 e os 50 e poucos anos.

Alguns formandos levavam consigo os filhos mais novos, que frequentavam a escolaridade obrigatória em Viana ou nas proximidades.

Vários casais faziam parte do grupo.

Um dos formandos, filho de um dos casais do grupo, tinha sido pai havia poucos dias e esta situação de alegria foi o tema para muitas aprendizagens naquele grupo. A título de exemplo, lembramos: graus de parentesco, local de nascimento, nacionalidade, cuidados com a criança, alimentação, saúde, vestuário, hábitos existentes em volta dos nascimentos, graus de adjectivos...

Havia formandos com formação universitária (vários professores, um engenheiro electrotécnico, uma agrónoma), outros tinham formação profissional em áreas diversas.

As línguas utilizadas pelos formandos eram o ucraniano, o russo e, nalguns casos, o inglês como língua veicular.

4 . Formadora

A formadora, professora do ensino básico, já tinha alguma experiência de cursos de formação de adultos no âmbito do Programa Portugal Acolhe e como voluntária em cursos livres de ensino de português a falantes de outras línguas realizados em Vendas Novas e Évora.

5 . Condições de Ensino e de Aprendizagem

A sala de formação era uma boa sala de aula da E. B. 2, 3 Isidoro de Sousa e todo o material que solicitámos foi-nos facultado (leitor de cassetes áudio, planisfério, mapa de Portugal, papel, lápis, esferográficas, acesso a fotocópias).

A meio das sessões os formandos faziam uma breve pausa para um café no bar da escola. Esta pausa era aproveitada para conversas informais ou partilha de informações relativas às necessidades dos aprendentes. Estes momentos eram muito ricos pois permitiam uma aprendizagem informal mas não menos importante. Passavam-se informações sobre ofertas de trabalho, endereços de embaixadas e de serviços do Estado e criaram-se laços de amizade que permaneceram entre os formandos e a formadora.

6 . Metodologia de Ensino e de Aprendizagem

A grande preocupação nos cursos em que participámos era capacitar os formandos para interagirem de forma adequada em diferentes situações de comunicação. Por outro lado, tentámos sempre que a língua fosse aprendida de uma forma activa e participativa.

Para facilitar a conversação, desenvolver a compreensão e expressão oral e motivar os formandos, utilizámos gravuras com cenas do quotidiano (mercado, divisões da casa, vestuário, alimentação, transportes, corpo humano, etc.), postais ilustrados de várias cidades do nosso país, um mapa de Portugal...

Pontualmente usámos o inglês para facilitar a intercompreensão e sempre incentivámos os formandos para que trocassem impressões/tirassem dúvidas, usassem dicionários. Algumas vezes também pedimos aos meninos ali presentes, filhos dos formandos e que dominavam já algum vocabulário, que nos facilitassem a aprendizagem desses vocábulos através da tradução para a sua língua materna.

Tentávamos sempre que todos os formandos exercitassem a pronúncia de palavras-frases novas e incentivávamos os mais tímidos ou menos participativos a arriscarem sem medo.

Sempre que nos solicitavam, utilizávamos a informação que recolhíamos junto dos inspectores do SEF, no IDICT, IEPF, I.P. e Segurança Social para esclarecer algumas dúvidas sobre legislação.

Dado que os formandos levantavam muitas questões, promovemos (em conjunto com o formador de cidadania) um encontro entre os formandos e dois inspectores do SEF que gentilmente se deslocaram a uma das nossas sessões. Este encontro foi muito útil não só pelo esclarecimento de dúvidas que proporcionou, mas também pelo treino de conversação que permitiu e, ainda, porque contribuiu para «quebrar» um certo distanciamento que por vezes parece existir entre os serviços oficiais e os utentes.

Sempre que possível usámos documentos autênticos para melhor compreensão de conceitos. Os formandos preencheram modelos de cheques, impressos para abertura de conta, registo de cartas, leram e interpretaram anúncios de jornal com ofertas de emprego e interpretaram algumas cláusulas de contratos de trabalho com o apoio

da formadora. No que respeita aos contratos de trabalho, a leitura e interpretação incidia sobretudo nos aspectos relacionados com a renovação e data de cessação, horário, local de trabalho e funções atribuídas.

Tentámos estar sempre com muita atenção às produções orais e escritas dos formandos para dar o *feedback* necessário à melhoria ou esclarecimento de dúvidas, quer na produção oral quer na escrita.

No final do curso fizemos uma festa-convívio com comida tradicional dos países representados, incluindo Portugal, o que nos proporcionou boas oportunidades de conhecimento mútuo de algumas tradições, respeito pelas diferenças de usos e costumes, e ainda se fortaleceram laços de amizade, alguns dos quais ainda se mantêm. Além destes aspectos, a festa permitiu alargar o vocabulário, bem como a escrita e troca de receitas.

7 . Avaliação do Funcionamento do Curso

A assiduidade foi muito elevada. Os formandos faltaram muito pouco e a presença de outros formandos que não estavam inscritos não veio prejudicar a aprendizagem dos inscritos. Houve sempre muita colaboração e respeito entre todos.

A totalidade dos formandos manifestou interesse em dar continuidade ao curso para melhorar os conhecimentos de língua portuguesa. Os formandos fizeram um balanço muito positivo da formação, manifestando que queriam continuar a aprender a língua portuguesa, sobretudo o treino do uso dos verbos. Alguns manifestaram-nos mesmo a hipótese de vir a ter aulas particulares, situação que não veio a verificar-se.

Posteriormente alguns desses formandos contactaram-nos para saber da possibilidade de poderem realizar um módulo de formação no nível seguinte, do curso de língua portuguesa no âmbito do Programa Portugal Acolhe.

Exemplo B

1 . Contexto

Évora, sala de formação adaptada [antigo armazém], no centro da cidade.

O curso foi promovido por uma IPSS (Instituição Privada de Solidariedade Social) de Évora e iniciou-se em Outubro de 2001.

2 . Duração

De Outubro de 2001 a Fevereiro de 2002, três vezes por semana, em sessões de duas horas e trinta minutos, num total de cerca de 200 horas. As sessões começavam às 19h 30m e terminavam às 22h.

3 . Formandos

Eram 16 formandos, com habilitações escolares e profissionais variadas e idades entre os 12 e os 50 anos.

Alguns formandos tinham formação universitária (Contabilidade, História e Medicina), outros tinham formação profissional na área da construção civil, um formando era atleta profissional, outro era cabeleireiro/barbeiro, outro era cozinheiro. No conjunto dos quatro jovens, três frequentavam a escolaridade obrigatória e o formando com 18 anos já a completara.

Neste grupo de 16 formandos, havia alguns que tinham relações de parentesco:

- Um dos casais, oriundo da Bulgária, esperava o seu primeiro filho.
- Uma senhora com duas filhas de 12 e 15 anos, também da Bulgária, cunhada do casal atrás referido.
- Um casal ucraniano com dois filhos, de 18 e 13 anos.
- Dois irmãos oriundos do Cazaquistão.

As línguas utilizadas pelos formandos eram o búlgaro, o ucraniano, o russo; os dois irmãos ucranianos, bem como o professor de História, também falavam inglês.

A formanda que melhor compreendia o português era a contabilista, oriunda da Bulgária. O marido desta formanda búlgara sabia falar russo, bem como todos os ucranianos e cazaquis. Esta situação permitia que a formanda búlgara que melhor compreendia a língua portuguesa explicasse o significado de algumas frases ou palavras em búlgaro, depois o seu marido traduzia para a língua russa e os ucranianos, por sua vez, traduziam para ucraniano, pois os jovens ucranianos não dominavam a língua russa.

A língua inglesa foi usada pontualmente pela formadora como língua de comunicação para esclarecer algum conceito e os formandos mais jovens, ou o professor de História, traduziam para a língua ucraniana ou em língua russa para os búlgaros.

4 . Formadora(s)

A IPSS implementou este curso em regime de voluntariado com pares pedagógicos de professores/formadores.

O par pedagógico onde nos incluímos foi constituído por uma docente do ensino básico, especializada em problemas graves de cognição e com mestrado em Psicologia Educacional, e por uma docente universitária de Economia.

Nenhuma das formadoras tinha experiência de ensino do português como segunda língua ou estrangeira e passadas as primeiras tentativas de planificação conjunta verificou-se que tinham abordagens metodológicas diferentes.

As sessões de formação não deviam seguir apenas e só o manual que tinha sido fornecido. A partir da 3.^a ou 4.^a sessão decidiu-se que cada formadora preparava e dava separadamente a sua sessão. A formadora continuou a estar presente em todas as sessões que a colega dirigia para um melhor conhecimento dos formandos e para melhor responder às necessidades de formação nas sessões.

5 . Condições de Ensino e de Aprendizagem

A sala de formação era um pequeno armazém que foi mobilado com cadeiras e mesas de trabalho e um quadro branco. Além do quadro, havia folhas de papel A4 e uma máquina fotocopadora. Todas as fotocópias que precisávamos eram cedidas pela IPSS que implementou o curso.

Os formandos recebiam um lanche a meio de cada sessão e este momento era muito rico e útil para interação, socialização e aumento de vocabulário, uma vez que a formadora estava sempre presente para apoiar a comunicação. Todos usufruíam e aproveitavam aqueles momentos para dar continuidade ao conhecimento mútuo e à aprendizagem de uma forma mais informal e descontraída, bem como para conhecer os outros formandos que pertenciam a outros grupos que se encontravam em salas diferentes.

Materiais utilizados: dicionários de português-inglês e inglês-português; português-russo e russo-português; ucraniano-português e português-ucraniano; manual de língua portuguesa *Português sem Fronteiras*; gravuras com cenas da vida diária (no supermercado, no jardim, nas diferentes partes da casa); postais ilustrados e fotografias variadas de diferentes actividades profissionais.

6 . Metodologia de Ensino e Aprendizagem

A grande preocupação das formadoras foi satisfazer as necessidades dos formandos a nível do desenvolvimento da competência comunicativa linguística e capacitá-los para interagirem de forma adequada em diferentes situações de comunicação. A competência comunicativa engloba:

- ▶ a adequação às diferentes situações de comunicação e aos actos de fala (a competência pragmática);
- ▶ o domínio das componentes gramaticais, lexicais e fonológicas (a competência linguística);
- ▶ a capacidade de organização lógica das ideias (a competência discursiva);
- ▶ a capacidade de planificar e resolver problemas de comunicação (a competência estratégica) (Fernández: 2004).

Tentámos sempre que a língua fosse aprendida de uma forma activa e participativa, e sempre que achámos oportuno construímos as nossas próprias fichas de trabalho para consolidar ou clarificar conceitos e vocábulos novos.

Não havia um programa ou conteúdos programáticos preestabelecidos. As formadoras receberam um manual de língua portuguesa. Em algumas sessões, uma das formadoras usou também outro manual bilingue (russo-português), policopiado, que foi cedido pelo serviço de apoio aos refugiados, dos Jesuítas (Lisboa).

Para facilitar a conversação, desenvolver a compreensão e expressão oral e motivar os formandos, ao mesmo tempo que se tentava que os formandos conhecessem melhor a história da cidade de Évora foram utilizados folhetos turísticos com a planta da cidade e fotos dos principais monumentos...

Pontualmente o inglês foi utilizado como língua veicular para facilitar a intercompreensão e os formandos foram sempre incentivados a trocarem impressões, esclarecerem dúvidas, usarem o dicionário. A formadora esperou o tempo necessário para que todos estivessem familiarizados com o assunto abordado.

A avaliação das competências comunicativas foi feita através das respostas que os formandos davam (orais ou escritas) a questões que a formadora ia formulando sobre gravuras, fotografias ou notícias de jornal que levava para as sessões. Por vezes as simulações foram usadas para avaliar as aprendizagens dos formandos (por exemplo: simulação de uma ida ao hospital, ao supermercado, ao SEF).

A formadora tentou sempre que todos os formandos exercitassem a pronúncia de palavras/frases novas e incentivava os mais tímidos ou menos participativos a arriscarem sem medo.

Algumas vezes a formadora e os formandos cantaram canções tradicionais portuguesas e canções tradicionais dos países de origem para motivar a aprendizagem da língua portuguesa; ouviu-se cantar o fado através de gravador e a temática foi analisada, o que permitiu a aquisição de vocabulário novo.

Leram-se pequenos poemas em português e declamaram-se poemas dos países de origem, que posteriormente os formandos traduziram.

Foram festejadas várias datas com pequenas festas: São Martinho (com castanhas e água-pé, canções), Natal (com uma ceia de Natal e canções que juntou um grande número de portugueses e imigrantes que viviam na cidade) e final do curso, com alguns pratos típicos e canções de alguns dos países em presença.

Em algumas sessões foi utilizada a informação recolhida junto dos inspectores do SEF, no IDICT, IEFP, I.P. e Segurança Social para explicar os passos a seguir para a legalização, a aprovação do contrato de trabalho, diferenças entre vistos concedidos, etc.

Os formandos liam e tentavam interpretar ou extrair algumas informações sobre alguns dos contratos de trabalhos e traduzíamos os mesmos (na totalidade ou algumas cláusulas que suscitavam dúvidas). Preencheram modelos de cheques, impressos para abertura de conta, registo de cartas, inscrição em candidatura a emprego.

Foi feita a leitura e interpretação de anúncios de jornal com ofertas de emprego e a formadora ajudou a escrever outros anúncios.

Para estudar os graus de parentesco, recorreu-se às situações familiares do grupo de formandos, o que permitiu uma experiência muito envolvente e participada por parte dos mesmos.

Realizou-se um passeio à cidade de Lisboa e visitaram-se monumentos. Esta visita proporcionou múltiplas oportunidades de socialização, de desenvolvimento das competências comunicativas, e permitiu fortalecer laços de amizade e de ajuda (na visita aos monumentos, na partilha do almoço e lanche, na viagem de autocarro, nas canções que se cantaram).

Foram abordados aspectos e factos da história e geografia de Portugal como os Descobrimentos Marítimos, o Terramoto de 1755 e a reconstrução pombalina, o rio Tejo e o seu percurso, entre outros.

A formadora valorizou sempre as palavras ou frases que os formandos produziam e orientou-os para facilitar a autocorreção da produção oral e escrita e incentivar a sua participação.

7 . Avaliação do Funcionamento do Curso

A assiduidade foi muito elevada.

Todos os formandos manifestaram o seu agrado pela participação no referido curso e grande parte deles manifestou interesse em dar-lhe continuidade para melhorar os seus conhecimentos de língua portuguesa. Alguns desses formandos deram continuidade a esta formação e inscreveram-se em vários outros cursos que a mesma IPSS realizou posteriormente.

A avaliação da aprendizagem dos formandos foi qualitativa, tendo sido positiva para todos, com entrega de certificado de presença no curso.

Exemplo C

Associação Cultural (Leiria)

Exemplo disponibilizado pela professora Alexandra Quintas. A experiência relatada pela autora da narrativa de formação, uma das formadoras voluntárias e professora do 1.º ciclo EB, refere-se a Dezembro de 2007.

1 . Contexto

Local: EB1 de Leiria.

Instituição promotora: associação cultural.

2 . Duração/ número de horas de formação

O calendário das aulas é igual ao calendário escolar.

Número de horas/semana: 4 horas

3 . Formandos

Dimensão do grupo: o número de elementos é variável, pois nem sempre todos iam às aulas e frequentemente entravam novos elementos. No entanto, o número médio de elementos dos grupos é 15 de formandos.

Nacionalidade: as nacionalidades variam bastante, estando neste momento as nacionalidades dos seguintes países: Rússia, Ucrânia, Cazaquistão, Itália, França e Espanha.

Idade: varia entre os 20 e os 50 anos.

Sexo: ambos.

Línguas maternas representadas no grupo, outras línguas conhecidas/usadas pelos formandos: a língua dominante era o russo. No entanto, alguns também falavam inglês.

4 . Professor(a)

Formação académica e outra: Licenciatura em Ensino Básico – 1.º ciclo.

Experiências anteriores de ensino de português como língua não materna: não.

Experiência de ensino noutro país: não.

4 . Condições de Ensino e de Aprendizagem

Conteúdos programáticos: os conteúdos programáticos não foram definidos e quando entrei disseram-me que seguiam o livro *Português XXI* e poderíamos fazer como quiséssemos.

Materiais utilizados e/ou elaborados especificamente para os formandos: recortes de jornais, revistas e imagens.

Equipamento audiovisual: a escola não tinha equipamento audiovisual, assim como os formadores.

Características do espaço de formação: salas destinadas ao Ensino Básico – 1.º Ciclo.

Acesso ao local da formação/transportes: a escola situa-se no centro da cidade e os alunos vêm pelo seu próprio meio, de transporte ou a pé.

Habitualmente não existe qualquer comunicação entre os professores.

6 . Metodologia de Ensino e de Aprendizagem

As actividades de aprendizagem ocorriam sempre numa sala de aula por dois motivos: porque sempre que aparecia um elemento novo para iniciar a aprendizagem era a esse local que se dirigia, e porque o horário é sempre das 20h às 22h. Na sua maioria, os locais interessantes (supermercados, farmácias e repartições públicas, entre outros) estão fechados. Daí a opção, sempre, pelas simulações.

Foi utilizada a língua inglesa sempre que a intercompreensão entre formandos e formadores não era possível em português.

Existiam dois grupos – 1.º nível e 2.º nível

No 1.º nível . 1.ª sessão

Quando abordei o tema *divisões da casa*, desenhei uma planta de uma casa e levei imagens de móveis e objectos mais usuais. Os alunos colocaram os móveis em determinadas divisões e fui dando o nome a essas divisões.

De seguida, em cada divisão dei o nome dos móveis e verificámos que cómoda é muito semelhante na sua fonia. Os alunos elaboraram um quadro com o nome dos objectos e a tradução para as respectivas línguas.

No 1.º nível . 2.ª sessão

Quando foi introduzido o vocabulário do vestuário, utilizei a mesma metodologia e verificámos que a palavra *pijama* também tinha a mesma fonia.

No 1.º nível . 3.ª sessão

Os alunos pediram-me que lhes explicasse a estrutura da gramática para conseguirem entender melhor o funcionamento da língua portuguesa, nomeadamente no que respeita ao género dos nomes. Verificámos que, enquanto temos dois géneros na língua portuguesa, eles têm, na língua materna, três géneros, e em alguns dos nomes o género é equivalente ao género em português, mas noutros casos não, como é o caso de colher.

Elaborámos um quadro com os dois géneros e, quando esse género coincidia com o das línguas maternas, escreviam com cor diferente.

No 2.º nível . 1.ª sessão

Disponibilizei recortes de jornal com notícias. Perguntei se tinham o hábito de ler o jornal e a maioria respondeu que sim. Depois de distribuídas as notícias lemo-las em voz alta, aprenderam novo vocabulário e cada um contou ao outro a notícia que tinha lido.

No 2.º nível . 2.ª sessão

Nesta sessão os alunos trouxeram recortes de anúncios de trabalho retirados quer de jornais quer da Internet.

Analisámos os diferentes anúncios, discutimos as funções que eram pedidas para desempenhar, elaborámos cartas de resposta aos anúncios e realizámos simulações de pedido de mais informações sobre o anúncio por telefone.

No 2.º nível . 3.ª sessão

Esta aula teve início com a dúvida de um aluno sobre as palavras cozido e cosido. Expliquei-lhe que em Portugal existem algumas palavras que se lêem da mesma maneira mas têm significados diferentes, e a sessão desenrolou-se com a explicação das palavras homónimas, homófonas e homógrafas, sem lhes dar esses nomes. Aproveitei também para lhes explicar algumas regras de leitura da língua portuguesa (a letra o no final de palavra lê-se u, a letra a no final de palavras, quando não é acentuada, lê-se a, que um s entre duas vogais lê-se z).

Para finalizar, ditei algumas palavras. A correcção foi feita em pares e só depois o ditado de palavras foi corrigido em voz alta.

Nota:

Sempre que necessário, recorri à língua inglesa para que se estabelecesse a comunicação.

Não existia uma lista de vocabulário estipulada pelos professores, porque achavam que cada um faz como quer. O que faço habitualmente é perguntar, no início de cada sessão, se os formandos têm alguma palavra cujo significado queiram saber.

A maior parte dos alunos, quando chega a estas aulas, compreende um pouco de português. No entanto, já apareceram alunos que falam apenas a sua língua materna. Outros colegas facilitam a comunicação através da tradução.

Não existiam conteúdos nem metodologias recomendadas, cada formador voluntário fazia o que queria. Todos os formadores seguiam o livro *Portugal XXI* e deixavam marcada a página que tinham trabalhado com os formandos para que o próximo formador desse continuidade.

Não faziam avaliação das aprendizagens devido à mobilidade dos formandos (iam entrando e saindo) e o grupo inicial não se mantinha.

7 . Avaliação do Funcionamento do Curso

Não se procede a qualquer tipo de avaliação ou troca de ideias.

Exemplo de uma primeira sessão Nível A1/ QECR – «DA NÃO COMUNICAÇÃO À COMUNICAÇÃO»

Objectivos:

- . apresentação da formadora e dos formandos;
- . cumprimentar;
- . despedir-se;
- . dar informação de carácter pessoal;
- . identificar o alfabeto.

A formadora entra e diz:

Boa-noite!

(Espero que os formandos repitam o cumprimento.)

Como estão? Tudo bem?

Sim, está tudo bem! (Espero que algum formando responda, ou caso isso não aconteça repito as perguntas e, fazendo de conta que me coloco no seu lugar, dou a resposta esperada. Esta situação é repetida várias vezes.)

*Depois cumprimento um ou dois formandos, com aperto de mão, e pergunto: **Como está?/ Como estás?** (Explicando que a diferença está na formalidade ou informalidade do relacionamento e esperando ou ajudando a que respondam):*

Estou bem, obrigada/obrigado! *(Explico a diferença das respostas apontando para as senhoras e para os senhores, feminino/masculino.)*

Chamo-me...

(Escrevo o nome no quadro e numa folha de papel dobrada ao meio que coloco sobre a mesa.)

E o senhor(a), como se chama?

(Entrego uma folha igual à minha a cada formando, à medida que pergunto o seu nome e faço um gesto para que cada um escreva o seu nome e digo):

Escreva o seu nome, se faz favor.

Depois de todos terem dito e escrito o seu nome, pergunto:

Sr..., como é que eu me chamo?

(Espero que os formandos respondam correctamente; se isso não acontece, dou a resposta por eles e depois peço que cada um repita.)

A senhora chama-se....

E ela/ele? Como é que ela/ele se chama? *(Espero que os formandos respondam correctamente ou, se isso não acontecer, dou a resposta por eles e depois peço que cada um repita.)*

Ela/ele chama-se...

Eu sou a vossa professora de português.

(Escrevo no quadro) «Eu sou professora.»

Depois começo a perguntar a cada formando:

E você, qual é a sua profissão? *(Espero que, um a um, os formandos respondam correctamente; se isso não acontece, dou a resposta por eles e depois peço que cada um repita.)*

[Quando dizem o nome das suas profissões escrevo uma listagem no quadro. Depois introduzo as perguntas:

Sra... qual é a profissão do sr/sra...?

Ele/ela é cozinheiro/pedreiro/padeiro...?

[Respondo, caso os formandos ainda não consigam dar essa resposta.]

Não, ele não é cozinheiro, ele é...

Eu sou portuguesa, sou de Évora. E você?

[Enquanto vou perguntando a cada formando, vou ajudando a dizer a nacionalidade de cada um caso não consigam.]

Depois faço a pergunta que exige resposta na negativa:

Sr..., a sra... é portuguesa?

[Ajudo a responder]:

Não, a sra... não é portuguesa, ela é ucraniana...

Depois pergunto a cada um qual o país e a nacionalidade e vou escrevendo no quadro a listagem:

Ex.: Ucrânia – Ucraniano

Em seguida contabilizo o número de formandos de cada nacionalidade e digo:

Aqui na sala estão sete ucranianos, quatro búlgaros e uma portuguesa e escrevo no quadro:

sete (7) ucranianos

quatro (4) búlgaros

uma (1) portuguesa

Ao contar as nacionalidades representadas pelos formandos, surge a contagem desde o número um até ao número total de formandos. Assim, escrevo os numerais no quadro e vamos repetindo oralmente os numerais à medida que surgem.

Depois distribuo uma folha com o alfabeto português em letra de imprensa e manuscrita e outra com os símbolos fonéticos.

Repetimos os fonemas de cada grafema.

Pergunto apontando o relógio:

Que horas são?

Espero que algum formando responda correctamente e, caso isso não aconteça, digo as horas e volto a fazer a mesma pergunta para que todos, ou quase todos, respondam correctamente.

Por fim pergunto se querem perguntar alguma coisa e despeço-me.

São 22h30m [olhando e apontando o relógio], **a aula acabou, voltamos na 4.ª feira, terça, etc.**

Até quarta-feira, boa-noite! *[Espero que os formandos repitam.]*

Tudo isto é feito com calma, boa disposição e dando tempo aos formandos para se ambientarem e tentarem repetir as palavras e frases que vão surgindo.

Elogio o desempenho mesmo que não seja ainda bom. A um formando que já pronuncia melhor dou um «elogio grande» e peço que repita para que os outros possam ouvir mais uma vez.

Nota: todas as palavras que se apresentarem mais difíceis de articulação serão escritas no quadro e lidas várias vezes.





DOCUMENTOS DE APOIO III

DOCUMENTOS AUTÊNTICOS, NÃO TRATADOS, DE FORMANDOS-APRENDENTES DE PORTUGUÊS

Os textos que se seguem foram escritos por formandos adultos de Cursos de Iniciação, no âmbito do Programa Portugal Acolhe.

TEXTO 1. Formando ucraniano

Eu e meu mulher trabalhamos na
na uma morada. Pussada nossa
chama se "Herdade da
Samara". Eu trabalho
foco, limpo piscina, corto
erva, arego arvores.
Quando preciso eu trabalho
na tractor, lavro terra e
faço muitas diferentes
coisas. Eu gosto de viver em
Portugal. Eu gosto de
cozinha portuguesa, vinhos.
Vladimir

Transcrição do texto 1:

«Eu e meu mulher trabalhamos na uma morada. Pussada nossa chama se "Herdade da ...". Eu trabalho fora, limpo piscina, corto erva, arego arvores. Quando preciso eu trabalho na tractor, lavro terra e faço muitas diferentes coisas. Eu gosto de viver em Portugal. Eu gosto de cozinha portuguesa, vinhos.»

TEXTO 2 . Formando ucraniano

Eu quero falar para você muito
agradecer, porque você a pessoa com grande
espírito. Agora assim pessoa não a muito,
o mundo muito mau, mas eles tem, e este
muito bom, não é? Eu quero falar obrigado
para você pelo seu tratamento do outro
pessoas, não interessa estrangeiros ou portugueses,
pelo seu muito bonito espírito.
desculpe, eu pouco fala português
Boa sorte na futuro!!!

Transcrição do texto 2:

«Eu quero falar para você muito agradecer, porque
você a pessoa com grande espírito.

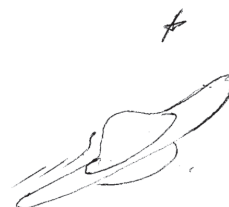
Agora assim pessoa não a muito, o mundo muito mau,
mas eles tem, e este muito bom, não é? Eu quero
falar obrigado para você pelo seu tratamento do outro
pessoas, não interessa estrangeiros ou portugueses,
pelo seu muito bonito espírito.

Desculpe, eu pouco fala português

Boa sorte na futuro!!»

TEXTO 3 . Formando russo

... Batem leve,
Levemente como quem
chama por mim.
Sera chuva, sera gente?
Gente não é certamente
e a chuva não bate assim...



* * * * *

A Custódia, chegou fim de nosso curso,
mas nunca acaba-se coisas para aprender.
Então vamos continuar os nossos caminhos,
atrás as boas coisas, para alcançar eles até a
última.

Quero agradecer pelo tudo, que vose fiz para
mim e nos todos.

Desejo muita saúde e felicidades, para si e
sua família. Obrigado.

Alexandre.

3. 7. 2002!

TEXTO 4 . Transcrição de mensagem SMS, de formando russo, para a formadora.

«Querida Custódia! Desculpe que não respondi logo. Estamos + ou -. Sasha encontrou novo trabalho: mercendizer de regoes. Esta gostar. Paga-se bom. A minha mae estava doente, agora melhor. Mas nao conseguimos ir a Novosibirsk como queria. Alguns vezes fomos ao lago. O tempo por enquanto esta bonissimo: muito calor mas arvores sao dorados ja. Autuno siberiano! Queria que tu visitasse uma vez a minha terra!:-) Como esta em Portugal agora? Beijinhos e saudades!»

Versão adaptada e explicativa do texto:

«Querida Custódia! Desculpe que não *respon*di logo. Estamos + ou -. Sasha encontrou novo trabalho: comerciante regional (*merchandiser* de produtos de cabeleireiro, no âmbito regional). Está a gostar. Paga-se bem. A minha *mãe* esteve doente, agora melhor. Mas *não* conseguimos ir a Novosibirsk como queria. Alguns vezes fomos ao lago (Baikal). O tempo por enquanto está belíssimo: muito calor, mas as árvores já estão douradas. Outono siberiano! Queria que tu visitasses uma vez a minha terra!:-) Como está (o tempo) em Portugal agora? Beijinhos e saudades!»



DOCUMENTOS DE APOIO IV

DOCUMENTOS DA VIDA PROFISSIONAL E SOCIAL

DOCUMENTOS DE APOIO IV: Documentos da vida profissional e social

Modelo de Contrato de Trabalho

Entre _____ [*nome da entidade empregadora*], com sede em _____ [*morada na sede da empresa*], matriculada na Conservatória do Registo Comercial de _____, sob o n.º _____, contribuinte fiscal n.º _____, com o ramo de actividade de _____, daqui em diante designada como PRIMEIRO OUTORGANTE;

e

_____ [*nome do trabalhador*], de nacionalidade _____, residente em _____ [*morada do trabalhador*], contribuinte fiscal n.º _____, portador de _____ [*passaporte, autorização de residência ou permanência*], válido até ____/____/____, daqui em diante designado como SEGUNDO OUTORGANTE

é celebrado o presente contrato de trabalho, que se regerá pelas seguintes cláusulas:

1.ª

O SEGUNDO OUTORGANTE é admitido ao serviço do PRIMEIRO OUTORGANTE com a categoria profissional de _____, a fim de desempenhar as funções da sua especialidade, ou quaisquer outras, desde que compatíveis com a sua categoria profissional.

2.ª

1. A retribuição a auferir pelo SEGUNDO OUTORGANTE é mensal, fixada em _____ Euros [*montante por extenso*], a qual será paga em _____ [*forma de pagamento: dinheiro, cheque, transferência bancária,...*], sobre a qual incidirão os descontos legais;
2. À retribuição referida será acrescido o respectivo subsídio de alimentação correspondente a _____ Euros por cada dia de trabalho.

3.ª

O local da prestação do trabalho é em _____, sito em _____.

4.ª

O SEGUNDO OUTORGANTE prestará um horário de trabalho de _____ horas semanais, distribuídas da seguinte forma: _____ [*horário de trabalho diário e dias de descanso semanal*].

5.^a

[ver **Nota**]

O presente contrato de trabalho tem início em __/__/__.

6.^a

1. O SEGUNDO OUTORGANTE compromete-se a manter válidos os seus documentos comprovativos do cumprimento das disposições legais relativas à entrada e à permanência ou residência, para efeitos de trabalho, em Portugal.
2. O SEGUNDO OUTORGANTE deverá informar o PRIMEIRO OUTORGANTE, caso lhe seja retirada, temporária ou definitivamente, a autorização para permanecer em Portugal, para efeitos de trabalho.

7.^a

1. Em tudo não previsto neste contrato, vigorarão as disposições legais aplicáveis.
2. O SEGUNDO OUTORGANTE aceita ser admitido ao serviço do PRIMEIRO OUTORGANTE, nos termos e nas condições acima referidas.

8.^a

O presente contrato é celebrado em triplicado e composto por ____ páginas, que vão sendo assinadas pelos dois outorgantes, sendo a sua celebração datada de __/__/__.

O PRIMEIRO OUTORGANTE

O SEGUNDO OUTORGANTE

Nota: para os contratos a termo, a cláusula 5.^a – duração do contrato – deverá ser nos seguintes termos:

- O presente contrato terá início em __/__/__ e caduca em __/__/__, desde que o PRIMEIRO OUTORGANTE comunique ao SEGUNDO OUTORGANTE, com 8 dias de antecedência, que não pretende que o contrato se prorrogue.



REFERENCIAIS

DE FORMAÇÃO
PEDAGÓGICA CONTÍNUA
DE FORMADORES/AS

Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores/as

1 – Gestão da Formação

José Garcez de Lencastre, José Carlos Felício, Francisco Baptista

2 – Conceção e Produção de Materiais para Auto-Estudo

Teresa Morgado da Silva Salão Lopes

3 – Animação de Grupos em Formação

Rosa Coutinho Cabral

4 – Avaliação das Aprendizagens

Maria Leonor de Almeida Domingues dos Santos, Jorge Manuel Bento Pinto

5 – Para uma Cidadania Activa: a Igualdade de Homens e Mulheres

Maria do Céu Cunha Rêgo

6 – Técnicas de Avaliação na Formação

Antonieta Guerreiro Romão, António Augusto Fernandes, José Filipe Rafael

7 – Utilização Pedagógica de Imagens Digitais

César Augusto Pinto Teixeira

8 – Sistemas e Metodologias de Formação Profissional em Portugal • 1960-2003

Maria de Lurdes Vieira

9 – Exploração Pedagógica de Recursos Didácticos – do Audiovisual ao Multimédia

António Manuel Gaspar Volante Nobre

10 – Desenvolvimento de Recursos Formativos para a Internet – *WebQuest*

Carolina Pereira

11 – Métodos e Estratégias de Formação

Margarida Segurado

12 – Utilização do *PowerPoint* para o Desenvolvimento de Produtos Interactivos para a Formação

Luís Eduardo Bernardes Relvas

13 – Da Expressão Dramática à Comunicação

João Cabral, Margarida Rosa Coutinho Lopes Cabral

14 – Princípios e Metodologias de Trabalho com Adultos

Olívia Santos Silva, Ana Margarida Costa, Madalena Dias, Eduardo Meira

15 – Desenvolvimento Curricular

Maria Helena Peralta

16 – Diferenciação Pedagógica na Formação

Jorge Manuel Bento Pinto, José Joaquim Mateus Lopes, João Pedro Pereira Brilha, Leonor Santos

17 – A Gestão do Conflito no Processo Formativo

Ana Margarida Vieira da Veiga Simão, Isabel Maria Pimenta Henriques Freire

18 – Para Uma Cidadania Activa: Aprendizagem Intercultural

Maria João Refachinho Mourão Carreira, Zita de Sousa Carvalho

19 – A Educação Sexual no Contexto da Formação Profissional

Duarte Vilar, Elisabete Souto

20 – Concepção e Produção de Materiais para Auto-Estudo – Modalidade de Formação Interventiva à Distância

Teresa Morgado da Silva Saião Lopes

21 – O/A Formador/a face às Pessoas com Deficiências e Incapacidades – Gerir a Diversidade

Jerónimo de Sousa, Andreia Mota

22 – Gerir a Formação a Distância

José Garcez de Lencastre, Francisco Baptista

